



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA**  
**INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS**  
**DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA**

**O CAMINHO DA EMANCIPAÇÃO: Reflexões Preliminares**

**ELOISA VIANA DE LIMA**

**BRASÍLIA**  
**2023**



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA**  
**INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS**  
**DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA**

**O CAMINHO DA EMANCIPAÇÃO: Reflexões Preliminares**

**ELOISA VIANA DE LIMA**

Monografia apresentada ao curso de Filosofia da Universidade de Brasília. Trabalho de Conclusão de Curso obrigatório como parte fundamental para obtenção do título de licenciada e bacharela em Filosofia.

Orientadora: Prof. Dr<sup>a</sup> Priscila Rossinetti Rufinoni

**BRASÍLIA**  
**2023**



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA**  
**INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS**  
**DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA**

**O CAMINHO DA EMANCIPAÇÃO: Reflexões Preliminares**

**ELOISA VIANA DE LIMA**

Monografia apresentada ao curso de Filosofia da Universidade de Brasília. Trabalho de Conclusão de Curso obrigatório como parte fundamental para obtenção do título de licenciada e bacharela em Filosofia.

Orientadora: Prof. Dr<sup>a</sup> Priscila Rossinetti Rufinoni

**BANCA EXAMINADORA**

---

---

Brasília/DF, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

Ficha catalográfica elaborada automaticamente,com  
os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Vc DE LIMA, Eloisa Viana

O CAMINHO DA EMANCIPAÇÃO: Reflexões Preliminares /  
Eloisa Viana de Lima; orientador Priscila

Rossinetti Rufinoni . -- Brasilia, 2023.

58 p.

1. Emancipação. 2. Esclarecimento. 3. Teoria Crítica. 4.  
Autonomia. 5. Marxismo. I. Rossinetti Rufinoni , Priscila

Em memória de Maria e João, os meus avós.  
Me ensinaram a amar de maneira simples e genuína. Enchem minha vida de saudade. Me fazem derramar as mais sinceras e nostálgicas lágrimas. Despertam em mim as memórias mais lindas. Aqueles que carrego no peito por onde eu vou. A quem eu retorno para lembrar de amor.

## AGRADECIMENTOS

A minha caminhada na filosofia começou cedo, em casa, quando criança e ainda assim, sinto que apenas molhei os pezinhos no rio do conhecimento. Estar concluindo a graduação me parece apenas um início, talvez esse sentimento não mude, ainda tenho muita pesquisa para fazer, livros para ler, e muito quesito para melhorar nesse processo. Só de pensar em começar a escrever os agradecimentos me vem uma emoção gostosa e um sentimento de gratidão, claro que acompanhado de lágrimas e muitas pausas.

Vou começar agradecendo aos meus pais, foram eles que tiveram protagonismo na formação de quem eu sou hoje. É para eles que eu retorno na certeza de encontrar um consolo e carinho nos dias que a vida fica pesada demais carregar sozinha. São eles que eu procuro quando os sentidos das outras relações me deixam em dúvida. Agradeço por sempre terem me deixado confortável para ser a Eloisa nas diversas camadas, nas instabilidades, no meu infundável processo de autoconhecimento e em todos os processos, sempre me dando o apoio que puderam, nas condições que tinham. A eles a minha eterna gratidão e o meu amor.

Agradeço a Gildeene, minha mãe, por ter me dado a experiência de uma relação mãe e filha carregada de leveza, de colo e carinho. Aprendo muito sobre força e persistência com ela, desde criança acompanho sua luta para se manter saudável e firme, vejo o quanto ela me ensina que apesar de tudo, vale a pena continuar vivendo e aproveitando cada momento, principalmente por ter ela ao meu lado. Ela é minha sorte.

Agradeço ao José Vilmon, meu pai, ele que instigou o meu amor por filosofia, me apresentou o filosofar na rotina das nossas vidas. Ouviu comigo músicas que eu gosto, prestando atenção na letra. Me mostrou que a vida pode ser tranquila, mas que é possível cair nos desequilíbrios e perder a racionalidade de vez em quando. Me despertou a apreciação das coisas simples e me lembra todo dia que eu tenho um lar pra voltar, independente das minhas escolhas, um lar que ultrapassa os limites do concreto, da estrutura. Ele é a minha sorte.

Agradeço aos meus avós, Maria e João, que mesmo não estando presentes em corpo físico, deixam a minha vida mais feliz. A saudade que eu sinto me ajuda a buscar na memória ensinamentos práticos que regem algumas escolhas da minha vida. A minha mavó, Maria, foi

a mulher mais doce e acolhedora que eu conheci, o meu mavô, João foi o homem mais engraçado e de bem com a vida que eu conheci. A eles todo o meu amor e a minha saudade.

Agradeço a Laissa, Lalá, minha parceira de vida que me acompanha desde muito novinha, aquela amiga que conheceu várias versões da Eloisa, que entrou na UnB junto comigo, e me acompanha em várias aventuras, estando comigo ou sabendo de tudo com a minha empolgação de narradora. Agradeço por sempre me oferecer seu ombro amigo, por escutar tudo o que eu tenho a dizer com muita atenção e cuidado, por me apoiar sempre e estar ao meu lado. Amo demais essa pessoinha.

Agradeço a Marcella, por ter entrado na minha vida carregada de flores, amor e carinho. Ela me mostrou ângulos de vida que eu não tinha pensado ainda, me ensinou pelo exemplo a ser uma pessoa determinada, persistente e focada. Agradeço por ter aberto as portas da sua casa para eu entrar, por ter me acolhido e facilitado a minha vida, principalmente no fim da minha graduação. Te amo, Mamá, você é muito importante na minha trajetória.

Agradeço a Maria Clara, minha companheira da filosofia, que por tantas vezes me acudiu no processo de escrita da monografia e na vida também. A Maria chegou por acaso e foi ganhando muita importância nos meus dias, foi minha parceira de lamentações e de felicidade. Minha vizinha e amiga, ainda bem que eu fui sua estagiária.

Agradeço ao Jesus Pearce, meu companheiro da filosofia, por ter me ajudado tanto nas questões filosóficas, trabalhos, inseguranças e afins. Foi um prazer compartilhar meus dias na universidade com a sua presença, obrigada por tornar esse período mais leve e por me auxiliar nesse processo. Você é muito especial, amigo.

Agradeço as minhas afilhadas por colorirem e serem pontos de amor na minha vida, é um privilégio acompanhar o crescimento de vocês. Incrível ver elas desenvolvendo suas personalidades, gostos, individualidades e vê-las conhecendo o mundo de maneira particular. Amo demais minhas pequenas.

Agradeço as minhas amigas Kamilla (e sua prima), Carol e Mylena por terem me ajudado a traduzir meu resumo para o inglês, essa não é uma habilidade que eu desenvolvi ainda. Para além da ajuda no resumo, Carolzinha, Kams e My são amigas maravilhosas e eu as amo demais. Os encontros que tivemos na UnB e temos na vida são sempre muito especiais e cheios de afeto. Obrigada, migas. Amo vocês.

Agradeço ao Edinho por ter me emprestado livros fundamentais para a construção dessa monografia e pela conversa tranquilizadora que tivemos no começo da minha escrita. Esse apoio foi elementar, muito obrigada.

Agradeço aos meus amores, amigos e familiares que não citei aqui, mas que fazem ou fizeram parte da minha vida e foram fundamentais para a construção de quem eu sou hoje. Muita gente boa influenciou as escolhas que tomei na vida, nas minhas mudanças e evoluções.

Agradeço a Universidade de Brasília - UnB e as pessoas que lutam para manter esse espaço vivo e resistente. Agradeço todo o corpo docente que influenciou a minha formação, em especial à Prof. Dr Priscila Rufinoni, que me orientou na monografia e me mostrou alguns toques necessários para que eu pudesse concluir esse processo. Enfim, sou muito grata por poder estudar filosofia na UnB e aprender com um corpo docente qualificado e potente, por ter conhecido de perto como a vida pode ser mais interessante e curiosa no meio acadêmico.

*“Sapere aude! Tem coragem de fazer uso de teu próprio entendimento, tal é o lema do esclarecimento [Aufklärung]”*

*(Immanuel Kant)*

## RESUMO

A presente monografia tem como intenção expor contribuições de alguns filósofos que se preocuparam com a possibilidade de uma Emancipação Humana. Como um esforço de conceitualizar o termo Emancipação, principalmente com os desdobramentos do conceito de Esclarecimento (*Aufklärung*) e ao movimento de libertação dos seres humanos, no sentido de se tornar autônomo e independente. O Esclarecimento também pode ser visto e analisado num sentido interpessoal e histórico-social, possibilitando uma ação coletiva e política para mudança da maneira como a sociedade é organizada, uma possibilidade emancipatória do cenário social de intolerâncias e desigualdades. A principal base teórica será pautada no pensamento dos filósofos: Kant, Adorno, Horkheimer, Benjamin e Marcuse. Com Kant a emancipação acontece especialmente por meio a apropriação da razão, com a formação de um indivíduo crítico e que não necessita da tutela de outrem. Em Adorno e Horkheimer a emancipação é vista como uma superação das barbáries, os pensadores fazem uma relação entre mitologia e esclarecimento que auxilia o entendimento de uma possível superação dos traços mitológicos. Juntamente com o pensamento benjaminiano é possível usar a história como uma ferramenta importante para pensar nas alternativas de um futuro emancipatório. Com a filosofia de Marcuse é viável uma reflexão crítica acerca da emancipação por meio do engajamento político, da organização coletiva e de uma oposição ao capitalismo. O objetivo deste trabalho não é oferecer respostas, é um esforço de promover reflexões acerca de uma possível emancipação.

**Palavras-chave:** Emancipação; Esclarecimento; Teoria Crítica; Autonomia; Marxismo.

## ABSTRACT

The present monograph intends to expose contributions of some philosophers who were concerned with the possibility of a Human Emancipation. As an effort to conceptualize the term Emancipation, mainly with the unfolding of the concept of Enlightenment (*Aufklärung*) and the liberation movement of human beings, in the sense of becoming autonomous and independent. Enlightenment can also be seen and analyzed in an interpersonal and historical-social sense, enabling collective and political action to change the way society is organized, an emancipatory possibility of the social scenario of intolerances and inequalities. The main theoretical basis will be based on the thinking of philosophers: Kant, Adorno, Horkheimer, Benjamin and Marcuse. For Kant, emancipation happens especially through the appropriation of reason, with the formation of a critical individual who does not need the tutelage of others. For Adorno and Horkheimer, emancipation is seen as an overcoming of barbarism, thinkers make a relationship between mythology and enlightenment that helps the understanding of a possible overcoming of mythological traits. The Benjamin's thought turns possible to use history as an important tool to think about alternatives for an emancipatory future. The Marcuse's philosophy it's a critical reflection on emancipation through political engagement, collective organization and an opposition to capitalism is feasible. The objective of this work is not to offer answers, it is an effort to promote reflections about a possible emancipation.

**Keywords:** Emancipation; Enlightenment; Critical Theory; Autonomy; Marxism.

## SUMÁRIO

<b>1.INTRODUÇÃO .....</b>	<b>13</b>
<b>2.O QUE É EMANCIPAÇÃO? .....</b>	<b>17</b>
<b>2.1. Emancipação segundo Immanuel Kant.....</b>	<b>18</b>
<b>2.2. Uso Público e Uso Privado da Razão .....</b>	<b>22</b>
<b>3. ADORNO, HORKHEIMER E A ESCOLA DE FRANKFURT .....</b>	<b>28</b>
<b>3.1. Emancipação segundo Adorno e Horkheimer .....</b>	<b>30</b>
<b>3.2. O Esclarecimento e a Mitologia.....</b>	<b>34</b>
<b>4. REFLEXÕES SOBRE A POSSIBILIDADE DE EMANCIPAÇÃO .....</b>	<b>39</b>
<b>4.1. Walter Benjamin e a Emancipação.....</b>	<b>40</b>
<b>4.2. Herbert Marcuse e a Emancipação.....</b>	<b>46</b>
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>52</b>
<b>6.REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>57</b>

## 1. INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo reunir um compilado de pensadores preocupados com a caracterização do termo emancipação, não apenas no quesito epistemológico da questão, mas, também, para pensar numa emancipação humana. Busca-se explorar o quesito epistemológico abrindo o debate, a fim de levantar nas considerações finais algumas reflexões do que pode ser um “foco” de emancipação no contexto contemporâneo. A emancipação não é uma problemática pensada apenas pelos contemporâneos. Pelo contrário. Há séculos o pensamento humano esteve focado na busca de um objeto para marcar sua pesquisa, com esforço em direção ao conhecimento e a condições melhores de vida.

Muito se avançou nesse processo de pesquisa e esforço, mas o que parece é que a humanidade ainda carrega o peso de lidar com questões mal resolvidas. Ainda carrega heranças de um passado escravocrata, patriarcal, sexista e preconceituoso em amplos sentidos. Por isso, é difícil solucionar questões aparentemente tão consolidadas e enraizadas na sociedade. O que cabe à filosofia e à esta pesquisa aqui pretendida é organizar preliminarmente algumas ideias que permitam construir e fortalecer o aparato teórico, com a ajuda de pensadores e figuras que sofreram na pele o peso de uma sociedade que não fez as contas com seus preconceitos.

O termo "emancipação" aqui escolhido como foco de pesquisa é uma maneira de sintetizar a vontade de libertação, autonomia, força, maioria e independência. Partindo da emancipação, do fortalecimento do coletivo, do fortalecimento individual é possível vislumbrar uma sociedade onde as injustiças sociais não sejam apenas chocantes aos olhos das pessoas, mas, antes, entendidas como parte do sistema que as oprime diariamente. Uma sociedade onde a construção do pensamento crítico for pautada, provavelmente será adepta da organização de formas de vida mais justas, bem como da quebra de verdades antes estabelecidas e por vezes irrefletidas.

Com efeito, quando se constrói um cenário social passível de receber conhecimentos variados, em que o novo e o velho conversam entre si, em que a construção e a desconstrução de referências são maleáveis, é possível lidar de maneira mais plácida com as inquietações que o diferente carrega. À vista disso, neste presente trabalho, escolhi fazer um percurso com o conceito de emancipação, um caminho que reúne alguns filósofos, com alguns textos variados.

É uma apresentação preliminar, abrindo espaço para algumas reflexões sobre a possibilidade de uma emancipação humana.

A filosofia é uma fundamental ferramenta de ampliação de cenários, um dispositivo que facilita a inquietação com verdades irrefutáveis, auxilia no processo de conhecimento e redescoberta do mundo que já existe. Quando se é capaz de questionar o mundo e entender que para o mesmo assunto existem inúmeros desdobramentos, é mais fácil transitar na complexidade que a raça humana transporta.

No primeiro capítulo, vou apresentar o conceito de emancipação que se encaixa no contexto deste trabalho. Depois serão expostas as visões de Kant, um autor essencial da filosofia clássica para tratar a questão da emancipação. Em Kant, alguns conceitos importantes aparecem principalmente no seu texto *“Resposta à pergunta: o que é esclarecimento?”*, no qual ele se dispõe a indagar sobre a questão do esclarecimento. Então, aparece também a sua frase *Sapere Aude* que significa *Ouse Saber* e fundamenta bem o que o texto se propõe a questionar.

Esse primeiro contato com Kant, reportando ao século XVIII, contribui para a formação de uma base kantiana, a fim de melhor compreender os conceitos de autonomia, uso público e privado da razão, no processo de apropriação da razão para se chegar à maioria intelectual. E, também contribui para o entendimento do sujeito individual e da sociedade no processo de esclarecimento.

A relação do termo esclarecimento e emancipação na perspectiva kantiana, remete a uma crença na autonomia do indivíduo e no poder da sua ação libertária. Ação esta que está interligada com a concepção de razão pública (mais bem retratada no Capítulo 1), formando no indivíduo uma estrutura crítica e emancipatória. O indivíduo esclarecido é aquele que faz uso da sua própria razão, que pensa de maneira autônoma, sem necessitar da tutela de outro indivíduo ou instituição.

A razão na qual um indivíduo esclarecido se baseia é uma razão capaz de se autojulgar, pois apesar de usufruir da sua liberdade, uma liberdade determinada pela sua razão, pelo desejo de ousar saber, o indivíduo precisa ser crítico e responder por si mesmo. O movimento importante é a tomada da autonomia de fazer uso do próprio entendimento.

No segundo capítulo, com a perspectiva de Adorno e Horkheimer, veremos as contribuições dos autores que viveram no século XX, críticos às concepções de Kant.

Notaremos como Adorno e Horkheimer analisam o cenário pós Iluminismo, como a sociedade lidou com os avanços da ciência e como se pôde perceber o conceito de Esclarecimento na época que escreveram suas contribuições.

A principal obra utilizada para o entendimento de Esclarecimento na perspectiva de Adorno e Horkheimer é a obra *Dialética do Esclarecimento*, um livro escrito no cenário pós segunda guerra mundial, quando os autores e outros pensadores contemporâneos estavam passando por situações delicadas em que precisaram até se exilar do país de origem.

Adorno e Horkheimer constroem a *Dialética do Esclarecimento* retornando aos princípios do pensamento humano, trazendo uma abordagem histórica para elucidar um conceito de esclarecimento. Com o pensamento dos autores, podemos pensar numa emancipação que já passou por um caminho sombrio, assim, podemos pensar em como construir uma emancipação que supere as barbáries como no passado não aconteceu.

Também veremos como Adorno e Horkheimer constroem um paralelo entre a Mitologia e o Esclarecimento, eles retornam à tradição homérica, com a figura de Ulisses para representar como o indivíduo pode usar da sua racionalidade e astúcia para dominar outros indivíduos e vencer figuras mitológicas. Adorno e Horkheimer relacionam mito e esclarecimento, conceituando o esclarecimento como uma nova forma de mitologia. O processo de esclarecimento que tinha como pretensão superar a mitologia, continuou usando de preceitos mitológicos para perpetuar a dominação da natureza e de seres dominando outros seres. O conhecimento apenas mudou o enfoque, saiu da explicação dos deuses mitológicos e passou a usar dos objetos da ciência.

No terceiro capítulo, veremos as contribuições de Walter Benjamin e Herbert Marcuse para a elucidação do conceito de emancipação humana. Dois filósofos com vertentes marxistas preocupados em pensar uma sociedade melhor para que as pessoas vivessem com mais justiça e equidade. Pensando numa relação em que as diferenças entre dominantes e dominados não sejam tão marcantes e desiguais.

Em Benjamin, veremos os tipos de historiografias que são expostas na sua classificação, sendo a história uma importante ferramenta para a mudança do presente e vislumbre de possibilidades de um futuro mais justo para a sociedade. Com a observação crítica do passado é possível identificar os pontos que causaram os problemas do presente e tentar uma maneira de sanar essas questões.

Com Marcuse, pensaremos emancipação a partir do seu engajamento político e com a organização coletiva, principalmente com os movimentos estudantis. O filósofo foi bastante importante para a construção da crítica da sociedade capitalista e para estabelecer sua crítica com base nas filosofias de Marx e Freud.

A conexão com Marcuse será feita por meio de um artigo da Isabel Loureiro em que ela explica de maneira bem clara e resumida a filosofia de Marcuse. Ela defende o pensamento do autor e mostra como a filosofia dele foi mal recepcionada no Brasil na década passada, tanto que as obras dele só começaram a ser traduzidas recentemente.

## 2. O QUE É EMANCIPAÇÃO?

Emancipação, no contexto deste trabalho, está ligada ao movimento humano de se tornar um ser independente, autônomo, preparado para gozar da liberdade dos seus próprios pensamentos. É uma concentração em explorar os conceitos e situações que estão postas no mundo de maneira crítica, com um olhar atento às faces e aos desdobramentos possíveis em determinadas indagações.

O conceito que, em certo nível, parece carregar questionamentos primordialmente individuais – estamos, no século XVIII, no momento em que se consolida o sujeito moderno tal como o conhecemos -, em um segundo nível, pode também colocar esse sujeito individual em uma rede interpessoal e mesmo histórico-social. O sujeito carece da percepção do seu estado constantemente emancipatório, na clareza da sua posição na sociedade, de reconhecimento dos grupos a que pertence, de reconhecimento enquanto sujeito único, com demandas únicas.

Avançando para além do contexto do século XVIII, essa incapacidade também estaria presente na compreensibilidade do que está inserido numa sociedade injusta, em que os papéis sociais, os direitos, a igualdade, a renda são distribuídos de maneira inadequada. Tal processo emancipatório pode se estabelecer no meio político para a obtenção de melhorias ou mudanças na maneira como a sociedade é organizada. Acontece, por exemplo, nas lutas das minorias para a conquista de direitos, de proteção, de liberdade, nas causas de desigualdade de raça e gênero.

Assim, se a emancipação cabe num processo individual de consciência, na autopercepção da própria ignorância, na reflexão sobre as suas questões e quais correntes o aprisionam, na refutação de preconceitos e verdades inabaláveis; cabe também, por essa mesma tomada de consciência, a um processo coletivo, em que grupos com questões parecidas se organizam para tentar transformar e progredir nos pontos em que são prejudicados.

O processo emancipatório se dá de algumas maneiras, a emancipação feminina, por exemplo, é um movimento que desde o seu início causou impactos na vida não só das mulheres como também da sociedade em geral. Trazendo pautas para o debate e ferramentas para a diminuição das desigualdades de gênero, para o melhor alcance dos direitos das mulheres, entre outras pautas importantes. Na leitura contemporânea de Spivak: *“Nesse mundo, o feminismo*

*poderia buscar reinventar o estado como uma estrutura abstrata, em um esforço persistente de mantê-lo livre de nacionalismos e fascismos<sup>1</sup>”.*

## **2.1. Emancipação segundo Immanuel Kant**

Kant, sendo um filósofo que dedicou parte da sua pesquisa ao problema da ação humana, da moral humana, contribuiu para o debate acerca da relação dos seres humanos com seus semelhantes. A preocupação central, neste caso, não é saber como o ser conhece o mundo e a realidade, e sim em como o ser deve agir, de como ele deve viver em comunidade para alcançar a felicidade. Kant dedicou-se não só a justificar o conhecimento objetivo, na via da Teoria do Conhecimento, como também se dedicou, de igual maneira, à investigação racional, colocando a razão como capaz de se autojulgar, o que nos leva a seus textos políticos.

Os pilares da filosofia kantiana se fundam na liberdade humana, na autonomia e na razão. Kant sempre teve a noção consciente dos problemas sociais que estavam presentes na sua época e antes dela; mesmo não estando perto de Paris no período da Revolução Francesa, Kant se posicionou favorável a ela. É importante aqui, observar a atenção que Kant dava aos avanços nos campos econômicos, políticos e sociais que a Revolução Francesa traria para a sociedade.

Para compreender melhor os aspectos da filosofia kantiana é oportuno entender como o filósofo acreditava que era possível conhecer o mundo. Em sua “*Crítica da Razão Pura*”, Kant divide o pensamento entre duas maneiras de conhecer, o conhecimento empírico (*a posteriori*) e o conhecimento puro (*a priori*). O conhecimento *a posteriori* é aquele dado pelas percepções dos sentidos:

O conhecimento empírico, como diz a própria expressão, reduz-se aos dados fornecidos pelas experiências sensíveis. Quando se diz, por exemplo, “a porta está

---

<sup>1</sup> SPIVAK, Gayatri Chakravorty. Quem canta o Estado-nação? : língua, política, pertencimento – Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2018. p.70

aberta”, expressa-se um conhecimento que não pode ser desvinculado de uma impressão dos sentidos.<sup>2</sup>

O conhecimento *a priori* é aquele dado pela Razão, pelas categorias do entendimento:

O conhecimento puro ou *a priori*, ao contrário, não depende de nenhuma experiência sensível, distinguindo-se do empírico pela universalidade e necessidade. Tal é o caso da proposição “a linha reta é a distância mais curta entre dois pontos”. Nessa proposição nada se afirma a respeito de determinada linha reta, mas de qualquer linha reta (universalidade); por outro lado, não se declara que a linha reta é a mais curta em certas condições, mas em quaisquer condições (necessidade)<sup>3</sup>.

Tendo elucidado o conceito de *a priori* e *a posteriori* para Kant, temos então duas dimensões do conhecimento e da experiência, uma ligada ao conhecimento *a priori* e justificado pelo entendimento, mas temos também uma experiência ao nível empirista, *a posteriori*. Kant, assim, busca compreender as várias dimensões do que seria a experiência moderna. Ou seja, Kant não se preocupa apenas com a dimensão epistemológica, mas inclui em sua filosofia, também, elementos políticos e históricos.

Trataremos agora de um texto bem famoso e dinâmico para entender o pensamento kantiano e suas colaborações na possibilidade de uma emancipação humana por meio da autonomia do sujeito e do uso da sua razão. Neste texto Kant vai responder à pergunta “O que é *Aufklärung*?”.<sup>4</sup>

Em sua teoria sobre emancipação, Immanuel Kant se mostra como uma importante figura para construção do termo e reflexão dos seus desdobramentos em um dos seus principais textos “*Resposta à pergunta: o que é esclarecimento?*”, no qual ele aborda o conceito emancipação. É um tanto subjetiva a busca do termo emancipação nas obras de Kant, pois ele

---

<sup>2</sup> CHAUI, Marilena (Consultoria). “*Kant - Vida e Obra*” In: *Os Pensadores*. Editora Nova Cultural Ltda, 1999, p.7

<sup>3</sup> Ibid. p.7

<sup>4</sup> *Aufklärung* será traduzido aqui como Esclarecimento.

não fala explicitamente do termo, porém, depreende-se que ele se ocupa em elucidar exatamente essa perspectiva de emancipação.

A emancipação ligada ao termo esclarecimento, pode ser entendida como um meio de libertação do indivíduo a partir dele mesmo, com a identificação das amarras que o prende, com a consciência de quais são as dominações que o cercam e quais são as relações de explorador e explorado presentes na sociedade em que vive e na própria vida.

O procedimento emancipatório do esclarecimento é um processo subjetivo, o indivíduo precisa fazer uma autocrítica e perceber qual a opressão que está presente no seu contexto individual. Mas essa subjetividade, regrada pelas regras *a priori* da própria racionalidade, não recaem na mera empiria solipsista. O indivíduo precisa estar atento às suas faculdades de julgamento e por meio da consciência subjetiva alcançar a autonomia da sua própria razão e responder por si mesmo.

O sujeito aqui é responsável por tomar consciência da sua situação de minoridade, de tutelado, e identificar quais são as tutelas sociais que o dominam, o *esclarecimento é a saída do homem de sua minoridade*. O indivíduo é o próprio culpado, pois é um ser covarde, não toma a atitude de libertar-se da tutela do outro e tomar a decisão de conhecer. “*Sapere aude! Tem coragem de fazer uso de teu próprio entendimento, tal é o lema do esclarecimento [Aufklärung]*”<sup>5</sup>.

*Sapere aude* significa Ouse Saber, é um processo em que o indivíduo se liberta da alienação, fazendo uso das suas faculdades de julgamento. O sujeito toma para si o seu processo de conhecimento, fazendo uso da sua própria razão. Sendo o responsável pela própria autonomia, o indivíduo consegue compreender qual a seu papel na própria vida e, conseqüentemente, na vida do entorno.

Quando se tem mecanismo e entidades que tomam conta da tutela de um indivíduo, tomando conta dos seus gostos, sua maneira de pensar, moldando seus preconceitos, fica mais fácil a implementação de concepções sobre como a vida deve funcionar e como os indivíduos devem agir.

---

<sup>5</sup> KANT, Immanuel. “Resposta à pergunta: o que é esclarecimento?” In: Textos seletos. Trad. Floriano de Sousa Fernandes. Petrópolis: Vozes, 1995, p.100

Kant diz que é cômodo estar na condição de tutelado, que é mais fácil quando alguém diz exatamente o que o sujeito deve fazer. Ele aponta a preguiça e a covardia como pontos cruciais para prender o indivíduo na condição de menor. Precisar pensar é um esforço “desnecessário” quando se pode *simplesmente pagar* ou designar sua razão a outrem.

No entanto, não é fácil se libertar da condição de tutelado, quando um indivíduo passa a vida toda carregado por um direcionamento integral. O indivíduo “*chegou mesmo a criar amor a ela, sendo por ora realmente incapaz de utilizar seu próprio entendimento, porque nunca o deixaram fazer a tentativa de assim proceder*”<sup>6</sup>, após tanto seguir e servir, o sujeito em particular perde um pouco a capacidade de apropriação da sua consciência. “*Por isso são muito poucos aqueles que conseguiram, pela transformação do próprio espírito, emergir da menoridade e empreender então uma marcha segura*”<sup>7</sup>.

Apesar de ser um movimento árduo atingir a maioridade, por não estar acostumado com a liberdade e autonomia de fazer uso da própria razão, é um movimento possível para o público, ainda mais quando se atinge a liberdade, *é quase inevitável*. Haverá sempre indivíduos que serão capazes de atingir a maioridade e que possivelmente estimularão outros indivíduos, “*espalharão em redor de si o espírito de uma avaliação racional do próprio valor e da vocação de cada homem em pensar por si mesmo*”<sup>8</sup>.

Qualquer indivíduo que tiver a sua liberdade poderá ousar saber, poderá basear suas opiniões fundadas no próprio entendimento, sem necessariamente precisar da tutela de outra pessoa. Pode tomar para si o controle do uso da sua razão, podendo responder por si próprio. Esta liberdade está ligada ao movimento de ousar saber, de libertar-se da necessidade de ser conduzido por outra pessoa, a liberdade de fazer uso do seu próprio entendimento, da sua razão. O indivíduo examina suas opiniões por meio da razão e não simplesmente segue opiniões alheias.

Ademais, nesse texto de Kant podemos observar como a dominação é um processo complexo e o quanto é difícil se desprender dos preconceitos que cercam uma estrutura de sociedade. O perigo de uma mudança da condição de tutelado para a posição de tutor é a

---

<sup>6</sup> Ibid. p.102

<sup>7</sup> Ibid. p.102

<sup>8</sup> Ibid. p.102

reprodução de conceitos, preconceitos e comportamentos. Também se mostra possível a opção de usar desse espaço de tutor para se vingar do antigo tutor.

Vê-se assim como e prejudicial plantar preconceitos, porque terminam por se vingar daqueles que foram seus autores ou predecessores destes. Por isso, um público só muito lentamente pode chegar ao esclarecimento [«Alfklarung»]. Uma revolução poderá talvez realizar a queda do despotismo pessoal ou da opressão ávida de lucros ou de domínios, porém nunca produzirá a verdadeira reforma do modo de pensar. Apenas novos preconceitos assim como os velhos, servirão como cintas para conduzir a grande massa destituída de pensamento<sup>9</sup>.

Essa questão pode ser um problema, porquanto a revolução pode apenas mudar de lugar central a figura dominadora, sem necessariamente uma mudança de paradigmas, apenas reproduzindo novos preconceitos. Sendo assim, a revolução seria uma troca de preconceitos, ou reformulação dos velhos, e não uma real reforma da estrutura da sociedade e na forma como ela vê o mundo. É um ponto bem complicado, pois os preconceitos estão bem enraizados historicamente no cotidiano das pessoas, tornando a revolução ainda mais lenta.

## **2.2. Uso Público e Uso Privado da Razão**

Para adicionar mais uma camada na discussão de ascensão da sociedade para o esclarecimento, é importante explicitar a distinção entre uso público da razão e uso privado da razão. De um lado, o uso público da razão é quando o conhecimento está em debate, está em evidência, é o momento em que se torna público o conhecimento, é quando o intelectual usa sua sabedoria para criticar as questões da sociedade. De outro, o uso da razão privada é um mecanismo social mais limitado, no qual o indivíduo está inserido em um contexto mais restrito e precisa seguir as regras deste contexto.

Ao mesmo passo que determinada pessoa faz uso público da sua razão, ela também faz o uso privado, por estar inserida num contexto social, apesar de ter sua opinião particular, ela

---

<sup>9</sup> Ibid. p.104

também ocupa determinados cargos na sociedade que são regidos por regras externas à racionalidade. Isso porque os contextos sociais também são regidos por uma constituição, por exemplo, em que existem pessoas individuais que estão subordinados a esta constituição, tendo que participar cumprindo seus deveres e gozando dos direitos.

A partir dessa dupla visão da racionalidade, Kant indaga sobre quais são as limitações da liberdade, sobre o que impede a sociedade de alcançar o esclarecimento e sobre o que favorece. Ele responde:

O uso público de sua razão deve ser sempre livre e só ele pode realizar o esclarecimento [«Alfklarung»] entre os homens. O uso privado da razão pode porém muitas vezes ser muito estreitamente limitado, sem contudo por isso impedir notavelmente o progresso do esclarecimento [«Alfklarung»]. Entendo contudo sob o nome de uso público de sua própria razão aquele que qualquer homem, enquanto sábio, faz dela diante do grande público do mundo letrado. Denomino uso privado aquele que o sábio pode fazer de sua razão em um certo cargo público ou função a ele confiado.<sup>10</sup>

Em determinadas situações o sujeito precisa obedecer à instituição em que está inserido, sem deixar de raciocinar sobre a situação que está vivendo, sem deixar de criticar. Fazendo uso da sua criticidade, da intelectualidade para publicar seu conhecimento, para escrever para a comunidade e trazer pontos relevantes para o debate.

Um professor enquanto empregado numa instituição faz o uso privado da razão “[...] o uso que um professor empregado faz de sua razão diante de sua comunidade é unicamente um uso privado, porque é sempre em uso doméstico, por grande que seja a assembleia<sup>11</sup>.” Já enquanto ser pensante, pesquisador é um produtor de conhecimento, faz uso público da razão. “Já como sábio, ao contrário, que por meio de suas obras fala para o verdadeiro público, isto é, o mundo, o sacerdote, no uso público de sua razão, goza de ilimitada liberdade de fazer uso de sua própria razão e de falar em seu próprio nome.”<sup>12</sup>

---

<sup>10</sup> Ibid. p.104

<sup>11</sup> Ibid. p.108

<sup>12</sup> Ibid. p.108

O ponto de o indivíduo obedecer não é uma obediência passiva sem razão, inclusive um sábio tem a obrigação de apontar os erros e fazer observações quanto ao serviço que está prestando e quanto ao órgão em que está inserido. “*Mas, enquanto sábio, tem completa liberdade e até mesmo dever, de dar conhecimento ao público de todas as suas ideias, cuidadosamente examinadas e bem intencionadas [...].*”<sup>13</sup> Levando essas pautas para a comunidade e dando abertura para que as pessoas julguem os pontos colocados em questão.

Kant aponta que a razão pública deve estar acima da razão privada, a razão em que o conhecimento é exposto para a sociedade. É a razão pela qual o sábio torna público o seu entendimento, abrindo espaço para que possíveis acertos possam ser feitos, que mudanças em instituições vigentes sejam realizadas e, também, possíveis reparos em erros do passado.

O sábio precisa deixar seu conhecimento marcado para o seu povo, seja por meio de obras escritas, seja por meio de debate público. Ele tem o dever de esclarecer a sociedade, podendo até não o fazer, mas ficando assim com o peso de adiar o esclarecimento.

Um homem sem dúvida pode, no que respeita à sua pessoa, e mesmo assim só por algum tempo, na parte que lhe incumbe, adiar o esclarecimento [«Aufklärung»]. Mas renunciar a ele, quer para si mesmo quer ainda mais para sua descendência, significa ferir e calar aos pés os sagrados direitos da humanidade<sup>14</sup>.

O que deveria acontecer na sociedade, segundo Kant, é uma melhoria de perspectivas de uma geração para outra, a cada geração que se passasse a sociedade ficaria mais esclarecida. A cada geração que passasse os seres ficariam mais livres, por isso a necessidade de os sábios usarem a sua razão pública, para não comprometer as gerações futuras, privando-as de conhecimento.

No seu livro “*Ideia de uma História Universal de um Ponto de Vista Cosmopolita*”, Kant se ocupa em tratar a questão da história humana, analisando não apenas o indivíduo, mas todo o conjunto da espécie humana. A história se constrói em narrativas da liberdade da vontade, nas ações humanas e as questões *confusas* e *irregulares* que são isoladas de cada ser

---

<sup>13</sup> Ibid. p.106

<sup>14</sup> Ibid. p.110

humano, mas podem fazer sentido se analisadas num contexto amplo; podem, então, fazer parte de um desenvolvimento humano, mesmo que de forma lenta.

Os homens, enquanto indivíduos, e mesmo povos inteiros mal se dão conta de que, enquanto perseguem propósitos particulares, cada qual buscando seu próprio proveito e frequentemente uns contra os outros, seguem inadvertidamente, como a um fio condutor, o propósito da natureza, que lhes é desconhecido, e trabalham para sua realização, e, mesmo que conhecessem tal propósito, pouco lhes importaria.<sup>15</sup>

Nesse processo de construção da história, talvez possa se observar uma certa continuidade e regularidade, podendo se dar por certas leis naturais e universais. As diversas variações que acontecem no campo no universal, na natureza seguem um curso constante, de maneira uniforme a natureza trabalha para manter circulando a vida dos seres. A espécie humana e sua conduta, quando vista de um ponto universal, carregam em si uma certa tolice, por esse motivo, Kant tenta achar um propósito na natureza, tendo em vista a dificuldade de achar um propósito em cada indivíduo.

Kant trata da questão da racionalidade para além do indivíduo no seu tempo, é aquela questão de uma melhoria da sociedade com o passar das gerações mencionada anteriormente. O desenvolvimento acontece na espécie humana de tal forma que necessita de ensinamentos, tentativas, erros e acertos para avançar e se tornar cada vez mais sábia.

[...] ela necessita de uma série talvez indefinida de gerações que transmitam umas às outras as suas luzes para finalmente conduzir, em nossa espécie, o germe da natureza aquele grau de desenvolvimento que é completamente adequado ao seu propósito. E este momento precisa ser, ao menos na ideia dos homens, o objetivo de seus esforços, pois senão as disposições naturais em grande parte teriam de ser vistas como inúteis e sem finalidade - o que aboliria todos os princípios práticos, e com isso a natureza,

---

<sup>15</sup> KANT, Immanuel. *Ideia de uma história universal do ponto de vista cosmopolita*. Trad. Rodrigo Naves e Ricardo Terra. São Paulo: Martins Fontes, 2011, p.4

cuja sabedoria no julgar precisa antes servir como princípio para todas as suas outras formações, tornar-se-ia suspeita, apenas nos homens, de ser um jogo infantil<sup>16</sup>.

O conhecimento humano não se contempla em um único indivíduo, ele vai evoluindo e se conectando com os aprendizados do passado. A racionalidade vai se construindo ao longo do tempo, no desenvolvimento de gerações presentes, passadas e futuras, que vão transmitindo o saber e as vivências.

A humanidade precisa, diante da presença de um sábio, ter acesso e participar da perpetuação do uso público da razão, para que se possa usufruir da liberdade e autonomia de fortalecer seu próprio entendimento. Ao passo que a interação com eruditos de todas as disciplinas vai aumentando o nível de esclarecimento de seres individuais e construindo uma humanidade mais esclarecida.

Tendo essa consciência do seu tempo e das condições em que a sociedade da sua época vive, às quais são as limitações que os seus contemporâneos precisam superar para que atinjam a maioria intelectual, Kant acredita que a sociedade está progredindo, mesmo com todas essas questões. Por isso, ele se questiona se está vivendo numa sociedade esclarecida.

Se for feita então a pergunta: «vivemos agora em uma época esclarecida [aufgeklärt]»? a resposta será: « não, vivemos em uma época de esclarecimento [«Aufklärung»]. Falta ainda muito para que os homens, nas condições atuais, tomados em conjunto, entejam já numa situação, ou possam ser colocados nela, na qual em matéria religiosa sejam capazes de fazer uso seguro e bom de seu próprio entendimento sem serem dirigidos por outrem. Somente temos claros indícios de que agora lhes foi aberto o campo no qual podem lançar-se livremente a trabalhar e tornarem progressivamente menores os obstáculos ao esclarecimento [«Aufklärung»] [...].<sup>17</sup>

A sociedade em que Kant escreveu ainda estava em processo de esclarecimento. Apenas com o uso público da razão e com a passagem de conhecimento das gerações passadas para as

---

<sup>16</sup> Ibid. p. 6

<sup>17</sup> Kant, Immanuel. “Resposta à pergunta: o que é esclarecimento?” In: Textos seletos. Trad. Floriano de Sousa Fernandes. Petrópolis: Vozes, 1995, p.112

gerações futuras é que se poderá atingir a denominação de sociedade esclarecida; é com o auxílio do uso público e o uso privado da razão.

Nas condições em que o texto foi escrito, ainda havia muita questão que precisava ser trabalhada, em um processo de esclarecimento bem lento para que a humanidade pudesse atingir o esclarecimento. Um novo caminho está aberto para as pessoas ousarem saber, um caminho onde elas se sintam confiantes para trilhar com mais liberdade.

*“Este espírito de liberdade espalha-se também no exterior, mesmo nos lugares em que tem de lutar contra obstáculos externos estabelecidos por um governo que não se compreende a si mesmo.”*<sup>18</sup>. A partir do momento em que os seres se tornam livres e autônomos eles se comportam com liberdade em meio às questões sociais.

Se portanto a natureza por baixo desse duro envoltório desenvolveu o germe de que cuida delicadamente, a saber, a tendência e a vocação ao pensamento livre, este atua em retorno progressivamente sobre o modo de sentir do povo (com o que este se torna capaz cada vez mais de agir de acordo com a liberdade)[...].<sup>19</sup>

Portanto, para Kant, a humanidade esclarecida consegue se desvencilhar, ou pelo menos tentar, da noção de pessoas como máquina que participam de uma engrenagem. Os indivíduos esclarecidos conseguem exigir a sua dignidade e agem de acordo com a liberdade de fazer uso do seu próprio entendimento, da sua razão.

---

<sup>18</sup> Ibid. p. 114

<sup>19</sup> Ibid. p. 116

### 3. ADORNO, HORKHEIMER E A ESCOLA DE FRANKFURT

Theodor Adorno e Max Horkheimer são figuras importantes para a trajetória do pensamento humano, foram filósofos preocupados com as questões da sociedade contemporânea nos quesitos políticos, sempre refletindo sobre um projeto filosófico que almeja a formação histórica e cultural da sociedade. Destacam essas questões em diversas obras e aqui neste trabalho a que mais terá influência é a “*Dialética do Esclarecimento*”, em que pensam temas essenciais na contribuição do debate acerca da emancipação.

Como membros principais da Escola de Frankfurt<sup>20</sup>, são pensadores que viveram um cenário turbulento na Alemanha, época assombrosa do nazismo, e tiveram que emigrar do seu país de origem, retornando apenas no pós-guerra. A pretensão dos pensadores da Escola de Frankfurt era a de elaborar uma *teoria crítica*<sup>21</sup> do conhecimento, preocupados com a análise do desenvolvimento intelectual da sociedade.

A Escola de Frankfurt se baseia em conceitos hegelianos e marxistas, questionando os problemas que o capitalismo incorpora na sociedade. Também traz à tona as problematizações do totalitarismo, da cultura de massa, da contradição da conquista racional, analisando a sociedade depois da época do Iluminismo.

Se, como ensinou Marx, a sociedade capitalista é ou não conduzida à sua ruína mediante sua dinâmica própria, não constitui somente uma questão racional, enquanto ainda não manipulamos o questionar: constitui uma das mais importantes questões de que a ciência social pode se ocupar.<sup>22</sup>

A crítica que o pensamento frankfurtiano faz ao capitalismo, revela como a lógica capitalista está presente no imaginário dos sujeitos, principalmente com a cultura de massa; o

---

<sup>20</sup> Tem relação na sua fundação com o Instituto de Pesquisa Social de Frankfurt. Se destacam também outros pensadores, como Walter Benjamin e Herbert Marcuse.

<sup>21</sup> Ver a Teoria Crítica de Max Horkheimer. Teoria Crítica também pode ser associada à Escola de Frankfurt, pois tem no gene do seu pensamento a leitura crítica da sociedade contemporânea, com uma crítica social e reflexão sobre as ideias herdadas do Iluminismo.

<sup>22</sup> ARANTES, Paulo Eduardo (consultoria), “Adorno - Vida e Obra”; Os pensadores, 2000, p. 159.

indivíduo nesse meio, perde um pouco da sua individualidade, abrindo espaço para a reprodução do que lhe é fornecido por meio dos interesses de quem produz a disseminação de cultura e informações.

Adorno substitui o termo “cultura de massa” por “indústria cultural”, pois, para ele, o termo cultura de massa interessa aos veículos de comunicação em massa, deixando brechas para a interpretação de que a população (massa) produz espontaneamente sua própria cultura, maquiando o verdadeiro dominador por trás da massificação da cultura.

A indústria cultural traz em seu bojo todos os elementos característicos do mundo industrial moderno e nele exerce um papel específico, qual seja, o de portadora da ideologia dominante, a qual outorga sentido a todo o sistema. Aliada à ideologia capitalista, e sua cúmplice, a indústria cultural contribui eficazmente para falsificar as relações entre os homens, bem como dos homens com a natureza, de tal forma que o resultado final constitui uma espécie de antiiluminismo.<sup>23</sup>

A indústria cultural determina os desejos da sociedade, moldando sua forma de lidar com o mundo, reduzindo os indivíduos a meros consumidores, a meros empregados. Os indivíduos tornam-se representantes dos interesses da indústria cultural, anulando suas verdadeiras intenções enquanto indivíduos e enquanto coletivo.

*“A sociedade dominante não despojou a si e aos homens, coagidos em seus membros daquela dignidade, mas nunca permitiu que se convertesse num dos seres emancipados a que, conforme Kant, corresponde dignidade.”*<sup>24</sup> A dominação da técnica e a racionalidade científica não deram conta por si só de libertar o homem, porque, por mais que ele domine a técnica, ele pode facilmente ser substituído por outro trabalhador em uma fábrica, por exemplo.

O esclarecimento que tinha como promessa libertar os indivíduos dos mitos, da ignorância, da tutela de outrem, por meio da ciência, da razão, da técnica, tal esclarecimento ainda não livrou os indivíduos da dominação. A indústria cultural impede o desenvolvimento de uma sociedade de fato esclarecida, autônoma, com indivíduos capazes de pensar por si

---

<sup>23</sup> Ibid. p. 8

<sup>24</sup> Ibid. p. 159

próprio. Apesar de passar por um processo de desenvolvimento, o indivíduo agora sofre como vítima da própria dominação técnica.

A indústria cultural trabalha de maneira tão estruturada que até fora do trabalho os indivíduos reproduzem a ideologia plantada. “*O próprio ócio do homem é utilizado pela indústria cultural como fito de mecanizá-lo, de tal modo que, sob o capitalismo, em suas formas mais avançadas, a diversão e o lazer tornam-se um prolongamento do trabalho.*”<sup>25</sup> O processo de internalização da cultura acontece de maneira tão intensa que até nos momentos livres, os indivíduos adequam as suas produções ou até mesmo consomem reproduções dos seus trabalhos.

### 3.1. Emancipação segundo Adorno e Horkheimer

Como já visto, Adorno e Horkheimer escrevem o livro “*Dialética do Esclarecimento*” num momento bem delicado da história da humanidade, num cenário de barbárie e horror nazista. Os autores escrevem esse livro no pós-guerra (segunda guerra mundial), com o esforço de analisar a sociedade contemporânea e a contradição dos indivíduos que estavam vivendo o desenvolvimento da ciência, da tecnologia, da razão e ainda assim sofrendo vivenciando uma barbárie<sup>26</sup>.

O processo de Esclarecimento (*Aufklärung*<sup>27</sup>), segundo Adorno e Horkheimer, ocorre no mínimo desde a época homérica, na Grécia Antiga, com o racionalismo ainda primário, preocupado com a análise da natureza e da vida dos indivíduos. Desse modo, os autores buscam fazer uma retrospectiva histórica, desde a Grécia Antiga até a Modernidade, para entender a contradição do esclarecimento.

Vimos no capítulo anterior a perspectiva de Kant sobre emancipação, ele acreditava que na sua época os indivíduos estavam em processo de esclarecimento. Agora, podemos

---

<sup>25</sup> Ibid. p. 9

<sup>26</sup> Adorno e Horkheimer fundam suas análises sobre como o esclarecimento abriu espaços a barbárie em Bacon, “o pai da filosofia experimental”.

<sup>27</sup> Assim como no capítulo anterior, com o texto de Kant, *Aufklärung* será traduzido por Esclarecimento. Na *Nota Preliminar do Tradutor*, Almeida explica o contexto da tradução de *Aufklärung*. Ver: *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos* / Max Horkheimer e Theodor W. Adorno; tradução, Guido Antonio de Almeida. In: *Nota Preliminar do tradutor*. p.7

acrescentar as considerações de Adorno e Horkheimer e refletir sobre quais são os perigos de uma organização social contraditória, com a presença de tutores reorganizados na forma de indústria cultural.

É interessante pensarmos em emancipação, lembrando do que Kant escreveu no século XVIII, e trazendo para o contexto em que Adorno e Horkheimer, no século XX, vivem e refletem sobre os desdobramentos do conceito de Esclarecimento (*Aufklärung*). O esclarecimento para Adorno e Horkheimer é mais complexo do que se pensava ser na época do Iluminismo, não é apenas um movimento filosófico com objetivos determinados. É, ao invés disso, um movimento histórico de troca de determinadas origens de conhecimento mitológicas, de racionalização, um movimento no qual os indivíduos direcionam a razão para servir aos objetos e avanços da ciência.

Ainda no século XX, a tão prometida sociedade emancipada e esclarecida não tinha sido alcançada, a Razão ainda não deu conta de libertar os homens e torná-los autônomos. Adorno e Horkheimer tentam compreender os motivos que causaram o desencadeamento do esclarecimento na sua forma emancipadora. *“O que nos propuséramos era, de fato, nada menos do que descobrir por que a humanidade, em vez de entrar em um estado verdadeiramente humano, está se afundando em uma nova espécie de barbárie.”*<sup>28</sup>

O preço das grandes invenções e atividades científicas, foi uma ruína constante da cultura teórica, mesmo que pensadores da sociologia, filosofia e psicologia, por exemplo, tivessem preocupados em se dedicar à cultura teórica, com críticas e desenvolvimentos em temas relacionados a ela. Com isso, Adorno e Horkheimer veem o processo de massificação da cultura no mundo capitalista como uma anulação da noção do sonhado progresso científico.

Tais ruínas constantes da cultura teórica possibilitaram um aparato para os autores construírem suas críticas quanto à forma como se deu a racionalidade e os avanços e instrumentalizações científicas, que ocasionou ou tolerou ideologicamente o surgimento de barbáries, dos regimes totalitários, do extermínio de determinados povos, entre outras crueldades.

---

<sup>28</sup> ADORNO; HORKHEIMER. *Dialética do Esclarecimento: fragmentos*; tradução, Guido Antonio de Almeida 1985, p. 11.

O que os fascistas ferrenhos elogiam hipocritamente e os dóceis especialistas da humanidade ingenuamente levam a cabo: a infatigável autodestruição do esclarecimento, força o pensamento a recusar o último vestígio de inocência em face dos costumes e das tendências do espírito da época. Se a opinião pública atingiu um estado em que o pensamento inevitavelmente se converte em mercadoria e a linguagem em seu encarecimento, então a tentativa de pôr a nu semelhante depravação tem de recusar lealdade às convenções linguísticas e conceituais em vigor, antes que suas consequências para a história universal frustrem completamente essa tentativa.<sup>29</sup>

Adorno e Horkheimer atestam que tiveram de abandonar a confiança absoluta na razão e na ciência, tendo em vista que elas levaram a um colapso da civilização burguesa, o que faz com que os autores questionem o próprio sentido da ciência. O movimento de esclarecimento humano, com o início na modernidade, passou por um processo que desnaturalizou seu objetivo central, a emancipação dos indivíduos, resultando em uma sociedade que conflita em guerras.

Os autores então se esforçam em investigar a *autodestruição do esclarecimento*, a necessidade de um pensamento esclarecedor para que a sociedade possa alcançar a liberdade, sem ignorar o fato de o esclarecimento carregar o germe da regressão consigo. Por isso, a importante reflexão do acolhimento desse germe regressivo é fundamental, o esclarecimento precisa dessa consciência.

*“Abandonando a seus inimigos a reflexão sobre o elemento destrutivo do progresso, o pensamento cegamente pragmatizado perde seu caráter superior e, por isso, também sua relação com a verdade”*<sup>30</sup>. O esclarecimento necessita de uma autocrítica, porquanto a sociedade dominada pela indústria cultural, enfraquecida pela ignorância de compreender o pensamento teórico, cai facilmente em armadilhas do despotismo, do racismo.

O processo de trabalho e de dominação são importantes para a compreensão do pensamento teórico, eles marcam a formação da sociedade e vão se transformando ao longo do tempo e desenvolvimento. A dominação, por exemplo, antes das máquinas era feita por meio do trabalho manualmente, com o cultivo, a terra, modificando a natureza. Depois foi se separando desse trabalho manual e a dominação passou a ser exercida por aqueles que não

---

<sup>29</sup> Ibid. p.11

<sup>30</sup> Ibid. p.11

trabalhavam. Os dominadores podiam exercer o poder por meio do controle dos meios de produção.

É importante pensar na contradição que o crescimento da produtividade econômica reflete na sociedade. Ao mesmo passo que reforça possibilidades de um mundo mais justo, reforça também as desigualdades, os grupos que controlam o aparelho técnico exercem um poder de superioridade sobre o restante dos indivíduos. Ainda que sejam responsáveis pelo avanço da dominação técnica da natureza, os indivíduos perdem o protagonismo dos poderes econômicos.

Desaparecendo diante do aparelho a que serve, o indivíduo se vê, ao mesmo tempo, melhor do que nunca provido por ele. Numa situação injusta, a impotência e a dirigibilidade da massa aumentam com a quantidade de bens a ela destinados. A elevação do padrão de vida das classes inferiores, materialmente considerável e socialmente lastimável, reflete-se na difusão hipócrita do espírito. Sua verdadeira aspiração é a negação da reificação. Mas ele necessariamente se esvai quando se vê concretizado em um bem cultural e distribuído para fins de consumo<sup>31</sup>.

Os autores começam a demonstrar, aos poucos, como a racionalidade proveniente da ciência conversa com a realidade social. A racionalidade está presente nos processos políticos, econômicos e intrinsecamente ligada aos processos de dominação do homem pelo homem. Também ligada ao fato de Adorno e Horkheimer passarem por um processo de “*desencantamento do mundo*”<sup>32</sup> que os ajuda a elucidar o conceito de esclarecimento.

Os indivíduos carregam uma superioridade vinculada ao saber, no saber de dissolver os mitos, de conhecer o mundo. Tal saber também caracteriza, “*o poder de saber representa o poder de desencantar o mundo por meio das promessas do esclarecimento enquanto paradigma da modernidade*”.<sup>33</sup>

---

<sup>31</sup> Ibid. p.14

<sup>32</sup> Termo utilizado por Max Weber e retomado por Adorno e Horkheimer.

<sup>33</sup> MOREIRA. In: “O entrelaçamento dialético entre Mito e Aufklärung no primeiro capítulo da Dialética do Esclarecimento de Adorno e Horkheimer”; 2012. p.24

Na perspectiva de Adorno e Horkheimer, o mundo racional, o esclarecimento, passa por um processo de desencantamento do mundo. Isso se confirma na medida em que “*o programa do esclarecimento era o desencantamento do mundo. Sua meta era dissolver os mitos e substituir a imaginação pelo saber*”<sup>34</sup>. O desencantamento do mundo procura se valer da razão para desvendar os mistérios da natureza, fazendo com que o homem consiga decifrar os signos naturais, até então cobertos pelo desconhecimento.

É importante ressaltar que, apesar das contradições que o esclarecimento carrega, na perspectiva de Adorno e Horkheimer, o esclarecimento continua sendo um mecanismo para libertar os indivíduos. Ainda assim, é preciso continuar analisando a sociedade com aparato da filosofia e da ciência, para que se possa alcançar uma emancipação humana, com a libertação da dominação. Por meio de uma análise da racionalização na filosofia e na ciência, o esclarecimento precisa acolher o seu elemento de regressão para mudar o próprio destino.

A emancipação do indivíduo será possível quando ele conseguir reconhecer o sistema de dominação a que pertence, num processo de internalização de conceitos, para que possa ir em busca da superação dessas dominações e ir se libertando por meio da consciência e autonomia. É preciso criticar o esclarecimento, mas não o abandonar.

### **3.2. O Esclarecimento e a Mitologia**

Adorno e Horkheimer acreditam que o esclarecimento retoma algumas características da mitologia, carregando um certo *temor pela verdade*, o medo de conhecer. “*A falsa clareza é apenas uma outra expressão do mito. Este sempre foi obscuro e iluminante ao mesmo tempo. Suas credenciais têm sido desde sempre a familiaridade e o fato de dispensar do trabalho do conceito.*”<sup>35</sup>

A mitologia e o esclarecimento têm como objetivo a interpretação do mundo, a explicação do desconhecido, indagar sobre as questões presentes na sociedade. A mitologia se pauta em respostas advinda de deuses, já o esclarecimento, se pauta no pensamento racional,

---

<sup>34</sup> Ibid. p.19

<sup>35</sup> ADORNO; HORKHEIMER “Dialética do Esclarecimento”: fragmentos; tradução, Guido Antonio de Almeida 1985, p. 14

no conhecimento científico. Para os autores, “*o mito já é esclarecimento e o esclarecimento acaba por reverter à mitologia.*”<sup>36</sup>, tanto um, quanto outro se caracterizam pela pretensão de controlar a natureza, de extrair dela o que for necessário para suprir os próprios interesses.

De forma alguma o processo de abandono da mitologia é simples, até porque é na mitologia que o esclarecimento nasce. Os desdobramentos pelos quais os indivíduos passam ao dominar a natureza ajudam os autores na interpretação das contradições resultantes desse processo.

Tudo isso deixa claro que o conceito de esclarecimento, embora sem perder o vínculo que o liga ao conceito crítico e emancipador expresso pelo termo na linguagem ordinária e filosófica, não pode se resumir, para nossos autores, às Luzes do século dezoito. Não só a expressão não designa mais um movimento filosófico, mas resulta de um aprofundamento crítico que leva à desilusão de seu otimismo.<sup>37</sup>

A questão do esclarecimento e da mitologia se distingue apenas nas origens de explicação dos conhecimentos, mas o esclarecimento ainda não superou a mitologia. As figuras dos deuses mitológicos foram substituídas pela figura do homem racional que instrumentaliza a razão e domina a natureza. “*[...]o esclarecimento regride à mitologia da qual jamais soube escapar. Pois, em suas figuras, a mitologia refletira a essência da ordem existente — o processo cíclico, o destino, a dominação do mundo — como a verdade e abdicara da esperança.*”<sup>38</sup>

Adorno e Horkheimer retornam à tradição épica homérica na busca pela raiz da racionalidade, no exercício de investigação das origens do pensamento. Com esse exercício, os autores identificam uma relação paradoxal entre esclarecimento e mito, assim perscrutam na mitologia grega, mais especificamente na obra *Odisseia*, as origens da racionalidade, com o intento de redefinir o começo do pensamento moderno.

---

<sup>36</sup> Ibid. p. 15

<sup>37</sup> ALMEIDA. Dialética do Esclarecimento: fragmentos; tradução; In: Nota Preliminar do autor. 1985. p.8

<sup>38</sup> ADORNO; HORKHEIMER Dialética do Esclarecimento: fragmentos; tradução, Guido Antonio de Almeida 1985, p. 39

Ao tratar sobre o esclarecimento, Ulisses<sup>39</sup> é o personagem ficcional utilizado como imagem para explicar a relação entre o mito e esclarecimento. O personagem indica, no contexto da narrativa, uma série de aspectos relacionados aos indícios de racionalidade. Com a história do personagem é possível identificar elementos que remetem às questões de dominação e trabalho e como Ulisses, usando da sua racionalidade, conseguiu contornar uma situação.

O personagem Ulisses escapa da norma que nenhum indivíduo sobrevive aos encantos das sereias, que, ao se deixar seduzir ouvindo o canto das sereias, os indivíduos se jogam no mar e são devorados por elas e acabam morrendo. Ulisses escapa, pois se amarra ao mastro do navio, enquanto os outros integrantes da embarcação tapam seus ouvidos (a mando de Ulisses) com cera para não ouvir o canto das sereias e continuam remando sem ouvir nada.

Ulisses consegue usufruir do canto das sereias enquanto seus companheiros continuam trabalhando para movimentar o barco. Ou seja, o personagem a par da sua subjetividade e inteligência, tem domínio sobre os demais homens, de modo que consegue conduzi-los segundo sua própria vontade.

Isto é, ele se autocontena à impotência e ao aprisionamento para poder gozar do canto, e, como o ressaltam Adorno e Horkheimer, condena simultaneamente seus companheiros, trabalhadores braçais à ordem do chefe, a renunciar ao gozo artístico, a não escutar nada, para poderem continuar vivos, para poderem continuar reproduzindo sua força de trabalho no dia seguinte.<sup>40</sup>

Ulisses usa da sua racionalidade para se proteger do canto das sereias, se amarra no navio para escapar do encanto das sereias, “*Ulisses reconhece a superioridade arcaica da canção deixando-se, tecnicamente esclarecido, amarrar*”<sup>41</sup>. O personagem descobre que há uma brecha na norma para se manter vivo, ele usa então da sua astúcia para passar pelo caminho das sereias sem que seja sucumbido pelo seu canto.

---

<sup>39</sup> Na leitura de Gagnebin (2009, p.13) “*A história de Ulisses, na leitura de Adorno e Horkheimer, representa, portanto, a formação do sujeito pela dominação da natureza e pela auto-repressão, paradigma da violência necessária para o estabelecimento da razão instrumental e da identidade subjetiva*”.

<sup>40</sup> GAGNEBIN. Lembrar escrever esquecer – São Paulo: Editora 34, 2009, p. 33

<sup>41</sup> ADORNO; HORKHEIMER “Dialética do Esclarecimento”: fragmentos; tradução, Guido Antonio de Almeida 1985, p. 64

Esse entrelaçamento de mito, dominação e trabalho está conservado em uma das narrativas de Homero. O duodécimo canto da Odisseia relata o encontro com as Sereias. A sedução que exercem é a de se deixar perder no que passou. Mas o herói a quem se destina a sedução emancipou-se com o sofrimento. Nos perigos mortais que teve de arrostar, foi dando têmpera à unidade de sua própria vida e à identidade da pessoa.<sup>42</sup>

Embora ofereça, naturalmente, detalhes míticos e imagéticos, a história épica narrada por Homero colabora com a análise contemporânea dos acontecimentos das barbáries do século XX. Da mesma forma, é paradigma quanto ao entendimento da identidade do indivíduo enquanto partícipe da sociedade e dominador da natureza à sua volta e dos demais humanos.

As medidas tomadas por Ulisses quando seu navio se aproxima das Sereias pressagiam alegoricamente a dialética do esclarecimento. Assim como a substituibilidade é a medida da dominação e o mais poderoso é aquele que pode se fazer substituir na maioria das funções, assim também a substituibilidade é o veículo do progresso e, ao mesmo tempo, da regressão. Na situação dada, estar excluído do trabalho também significa mutilação, tanto para os desempregados, quanto para os que estão no polo social oposto.<sup>43</sup>

Adorno e Horkheimer afirmam que a transformação da dominação já estava presente nos mitos, já era possível entender esse tipo de divisão no trabalho. Em Ulisses, por exemplo, quando ele passa pelas sereias e ordena aos trabalhadores que coloquem cera no ouvido para não escutarem o canto e se deixarem enfeitiçar por ele. Enquanto, o próprio Ulisses que está dominando a travessia do barco, quer passar pela experiência de se encantar pelo canto da sereia, então ele se amarra no barco para não deixar de ouvir, mas se protege da possibilidade de se deixar levar pelo encantamento.

---

<sup>42</sup> Ibid. p.43

<sup>43</sup> Ibid. p. 46

Ulisses que está no comando do barco, tem o privilégio de apreciar o canto das sereias, enquanto os trabalhadores não podem participar disso, pois precisam continuar remando, ou seja, *“O caminho da civilização era o da obediência e do trabalho, sobre o qual a satisfação não brilha senão como mera aparência, como beleza destituída de poder.”*<sup>44</sup>

Adorno e Horkheimer insistem, portanto, enfaticamente no preço que o sujeito racional deve pagar para se constituir, na sua autonomia, e poder se manter vivo. Esse preço é alto: não é nada menos que a própria plasticidade da vida, seu lado lúdico, seu lado de êxtase e de gozo; a vida se autoconserva renunciando à sua vivacidade mais viva e mais preciosa - daí a infinita tristeza do burguês adulto bem-sucedido.<sup>45</sup>

A história mítica sobre a qual é desenvolvida a narrativa heroica de Ulisses coloca-o em certo grau de superioridade perante os seus companheiros, pois representa a própria racionalidade do indivíduo. Isto é, Ulisses consegue simbolizar, por meio das suas características, o herói de grande coragem e perspicácia, configurando verdadeiramente como a *“figura protosubjetiva da gênese da razão ocidental, figura intermediária entre indícios de subjetividade e inteligência artiloso dentro deste entrelaçamento dialético.”*<sup>46</sup>

---

<sup>44</sup> Ibid. p. 45

<sup>45</sup> GAGNEBIN. Lembrar escrever esquecer – São Paulo: Editora 34, 2009, p. 33

<sup>46</sup> MOREIRA. In: “O entrelaçamento dialético entre Mito e Aufklärung no primeiro capítulo da *Dialética do Esclarecimento* de Adorno e Horkheimer”; 2012. p.44

#### 4. REFLEXÕES SOBRE A POSSIBILIDADE DE EMANCIPAÇÃO

Com as contribuições dos pensadores aqui reunidos, percorremos alguns pontos de vista e reflexões sobre os condicionamentos que dificultam a emancipação humana. Refletir sobre emancipação é um processo sensível e complexo, que envolve várias camadas de problemáticas. Diante disso, recorrer a história e tentar lidar com o passado de maneira dialética contribui para uma melhor análise das condições possíveis de emancipação humana.

Karl Marx foi um filósofo que se dedicou assiduamente à militância política e à observação da sociedade e suas desigualdades. Um pensador que não se restringiu apenas ao campo da filosofia, mas que caminhou por inúmeras áreas do conhecimento como a sociologia, a economia, a ciência política, entre outras, para fundamentar a sua crítica e pensar numa transformação social da realidade.

A EXPRESSÃO "marxismo" designa um amplo movimento de ideias que se estende desde a Filosofia até a Política, sendo invocado tanto pelo filósofo liberal e humanista, quanto pelo tirano mais feroz. Dentro desse xadrez complicado, do qual dificilmente se consegue escapar, é necessário um esforço especial para se atingir uma ideia nítida e precisa, embora rápida, da matriz responsável por um dos mitos contemporâneos mais debatidos. Desde logo devem-se recusar as posições ditadas por paixões irrefletidas. Mas cabe indagar se é possível tomar distância dessas paixões e alcançar um porto seguro, a partir do qual se pudesse assistir aos conflitos ideológicos com a mesma indiferença com que se vê um comercial de televisão.<sup>47</sup>

A contribuição da obra de Marx para o pensamento humano teve muito impacto nos filósofos que o procederam e seguiram a corrente marxista, como o Walter Benjamin e o Herbert Marcuse. Veremos a seguir um pouco da filosofia desses dois pensadores e algumas de suas contribuições para a análise da emancipação humana.

---

<sup>47</sup> GIANNOTTI, José Arthur (Consultoria) "*Marx - Vida e Obra*" In: *Os Pensadores*. Editora Nova Cultural Ltda, 1996. p.5

#### 4.1. Walter Benjamin e a Emancipação

Walter Benjamin foi um filósofo com grande influência marxista<sup>48</sup>, preocupado em pensar uma sociedade para além da história contada como linearidade, continuidade. Um autor que pensa história não apenas de maneira tradicional, ele a examina fazendo uso do seu materialismo histórico e sua forma dialética de lidar com a historicidade, carregada dos seus elementos messiânicos, para uma elaboração crítica da sua crença no conceito de progresso. Ao pensar emancipação com Benjamin podemos usar da história da humanidade para refletir sobre as possibilidades do latente no passado que apontam para o presente e o futuro.

Para Benjamin, já existem dois tipos de historiografias: a *historiografia progressista*, uma historiografia que analisa a sociedade como um progresso contínuo e que enxerga no futuro um progresso científico inevitável, essa está fadada a “*uma avaliação equivocada do fascismo e a incapacidade de desenvolver uma luta eficaz contra sua ascensão.*”<sup>49</sup>; e a *historiografia burguesa* contemporânea, que usa do mecanismo em que o historiador olha o passado com certo afeto fazendo uma identificação com o objeto de estudo, o passado.

Trata-se, para o historiador "materialista" - ou seja, de acordo com Benjamin, para o historiador capaz de identificar no passado os germes de uma outra história, capaz de levar em consideração os sofrimentos acumulados e de dar uma nova face às esperanças frustradas -, de fundar um outro conceito de tempo, "tempo de agora" ("Jetztzeit"), caracterizado por sua intensidade e sua brevidade, cujo modelo foi explicitamente calcado na tradição messiânica e mística judaica.<sup>50</sup>

Assim, outro modo de fazer história, a do historiador materialista deve olhar para o passado e construir uma Experiência ("*Erfahrung*") com ele, não apenas se voltar para uma imagem estática e eterna do passado que carrega os fundamentos do progresso do futuro.

---

<sup>48</sup> Também importante para Walter Benjamin organizar seu pensamento acerca de sistema econômico e guiar seu método de pesquisa.

<sup>49</sup> GAGNEBIN, Jeanne Marie In: Prefácio: Walter Benjamin ou a história aberta. Obras escolhidas, Editora Brasiliense. São Paulo 1985. p.8.

<sup>50</sup> Ibid. p.8

Benjamin se esforça em pensar no fortalecimento dessa Experiência (“*Erfahrung*”) ao invés de uma Experiência Vivida (“*Erlebnis*”), em que se perde a memória do passado, modo de esquecimento bastante condizente com o sistema capitalista. Com efeito, para superar essa problemática seria necessária uma nova maneira de narração, formada por uma experiência organizada comunitariamente e espontânea.

*“[...]A arte de contar torna-se cada vez mais rara porque ela parte, fundamentalmente, da transmissão de uma experiência no sentido pleno, cujas condições de realização já não existem na sociedade capitalista moderna.”*<sup>51</sup> Pensar a história com Walter Benjamin abre espaço para lidar com a prática. Ao pensar em um narrador ou em quem escreve a história, Benjamin está interessado em se questionar sobre o que é contar uma história. Para ele, quem conta a história ou as histórias tem nas mãos a oportunidade de ampliar as questões da prática política e se articular por meio da narração.

O historiador materialista ajuda no exercício de rememoração do passado, porque usar da memória do passado abre um leque para as possibilidades de organização dos materiais do passado no presente e na construção de um futuro com base nessa organização. Esse mecanismo abre espaço para pensar numa luta de classes, pois com a rememoração do passado e um abandono do historicismo é possível adotar a manifestação de luta sob forma de coragem, confiança e questionamento da vitória dos dominadores. *“Assim como as flores dirigem sua carola para o sol, o passado, graças a um misterioso heliotropismo, tenta dirigir-se para o sol que se levanta no céu da história. O materialismo histórico deve ficar atento a essa transformação, a mais imperceptível de todas.”*<sup>52</sup>

Refletir emancipação na perspectiva de Walter Benjamin é também recorrer aos artefatos e ensinamentos do passado para planejar um presente, sem se conformar com um passado eterno. O materialista histórico precisa se apropriar do passado como uma experiência única e entender um presente como um momento que não é apenas uma transição, é um momento único que para no tempo, a história pode ser descontínua, não apenas uma

---

<sup>51</sup> Ibid. p.10

<sup>52</sup> BENJAMIN, Walter. Obras escolhidas. Vol. 1. Magia e técnica, arte e política. Ensaio sobre literatura e história da cultura. Prefácio de Jeanne Marie Gagnebin. São Paulo: Brasiliense, 1985, p. 224

continuidade sem diferenciações, e dela podem surgir muitos desdobramentos. Na tese 4<sup>53</sup> *sobre o conceito de história* de Benjamin podemos perceber a força do materialista histórico:

A luta de classes, que um historiador educado por Marx jamais perde de vista, é uma luta pelas coisas brutas e materiais, sem as quais não existem as refinadas e espirituais. Mas na luta de classes essas coisas espirituais não podem ser representadas como despojos atribuídos ao vencedor. A luta de classes, que um historiador educado por Marx jamais perde de vista, é uma luta pelas coisas brutas e materiais, sem as quais não existem as refinadas e espirituais. Mas na luta de classes essas coisas espirituais não podem ser representadas como despojos atribuídos ao vencedor.<sup>54</sup>

Outra questão importante que o materialista histórico precisa abandonar é o conformismo<sup>55</sup>, pois é mais fácil manter uma dominação política e econômica quando as pessoas se conformam com a realidade e seguem a corrente de pensamento dos dominadores. Acreditar fielmente nos dominadores reflete também nas relações de trabalho e na crença de que o trabalho industrial anuncia um progresso técnico e uma conquista política. Esse tipo de relação entre dominadores e trabalhadores mostra como a sociedade se volta para uma exploração da natureza com a disposição e exploração da força de trabalho do proletariado.

Apoiados em Benjamin, podemos construir um debate necessário com sua filosofia preocupada com a experiência comunitária dos vencidos, conseguimos pensar em contribuições que ele pode oferecer acerca da emancipação humana. Auxiliados pela filosofia benjaminiana, podemos fazer o esforço de alimentar uma perspectiva resistente face às questões sociais, visando uma articulação crítica entre teoria e prática revolucionária.

Podemos perceber na filosofia de Benjamin uma preocupação em compreender as questões políticas que estão implicadas na arte e na estética, pois são elementos indissociáveis.

---

<sup>53</sup> E em diversas outras teses sobre o conceito da história, onde Walter Benjamin expõe de maneira bem assertiva o que ele pensa ser o papel do materialista histórico e do seu potencial transformador em uma sociedade. Ver *Sobre o conceito da história* In: *Obras escolhidas*. Vol. 1. *Magia e técnica, arte e política. Ensaio sobre literatura e história da cultura*.

<sup>54</sup> *Ibid.* p. 223

<sup>55</sup> Bem exposta na Tese 11 sobre o conceito da história.

*“Trata-se de uma interrogação que diz respeito à estética no sentido etimológico do termo, pois Benjamín liga indissociavelmente as mudanças da produção e da compreensão artísticas a profundas mutações da percepção (aisthêsis) coletiva e individual.”*<sup>56</sup> Benjamin traz também em sua filosofia uma perspectiva próxima ao primeiro romantismo alemão com um teor revolucionário nos instantes da história, do passado e do devir.

Em Benjamin, importa, sobretudo, um desvio pelo tempo passado em busca de um devir redimido e utópico dos que foram vencidos na história da luta de classes. O messianismo, por esta via de discussão, diz respeito, tão somente, aos “párias” do tempo histórico, que carregam em seu âmago, a possibilidade emancipatória de transformação radical do presente. Ainda, messianismo benjaminiano, como deve ficar claro, não se trata de culto à personalidade ou mesmo de uma espera por uma figura extraterrena [...] <sup>57</sup>.

Walter Benjamin tinha o interesse de fomentar uma nova maneira de ver o romantismo, ligado com as questões bases para formar uma nova comunidade voltada à aproximação do espírito. Um romantismo que instiga a vontade dos sujeitos, uma vontade de ação, de encontrar a verdade, a beleza e estabelecer uma crítica à noção de progresso linear instaurado no modelo capitalista.

Benjamin se vale da noção de atrelar também uma apropriação da prática revolucionária articulada à religião, pois, para ele, o sujeito construído no sistema capitalista foi privado de elementos messiânicos do espírito. Esses sujeitos vivem de uma certa forma apáticos ao devir e suas possibilidades, a eles também falta a criatividade e sinceridade das suas perspectivas. *“[...] Benjamin concebia a emancipação humana como única condição necessária para o estabelecimento do ‘Reino messiânico’”*.<sup>58</sup>

---

<sup>56</sup> GAGNEBIN. Jeanne Marie. História e narração em Walter Benjamin; 2. Ed. – 1. Reimp. São Paulo: Editora Perspectiva S.A., 2004. p.55

<sup>57</sup> GONÇALVES, Jhonatan. A Emancipação Humana no pensamento filosófico de Walter Benjamin: Romantismo, Messianismo e Marxismo. Dissertação (Mestrado Acadêmico Campus de Toledo) Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Centro de Ciências Humanas e Sociais, Programa de Pós-Graduação em Filosofia, 2021. p. 21

<sup>58</sup> Ibid. p. 13

Os sujeitos inseridos no contexto capitalista necessitam de uma nova religião, de um novo romantismo, Benjamin acredita que é preciso levar a sério o socialismo, assim como é preciso que os seres admitam que são coagidos e obscurecidos, para então recuperar a consciência da própria personalidade. Tal religião não se molda nas religiões convencionais como a teologia cristã ou judaica, é uma religião voltada para elevação utópica ao céu<sup>59</sup>, a partir do reconhecimento da experiência.

Há, sobretudo, uma concepção utópica de uma emancipação humana que vai além dos problemas materiais, pois com a primazia da personalidade autêntica, entende-se que Benjamin se atentava para as coisas atreladas ao espírito humano, mas não se trata, nesta discussão, de um mero individualismo mesquinho, e sim da construção de uma individualidade que contribua para o surgimento de uma humanidade virtuosa.<sup>60</sup>

A sociedade emancipada possível de se pensar com Benjamin é aquela norteadada pelo messianismo histórico, pela noção de novo romantismo e de nova religião. Uma sociedade marcada pelo abandono da ideia de progresso inevitável e contínuo, com o protagonismo do materialismo histórico e pela apropriação da própria personalidade e experiência. O modelo capitalista distancia a possibilidade de um materialismo histórico, pois sempre se volta ao passado com uma noção idealista equivocada, como um progresso à espera das conquistas do futuro.

Para um Estado republicano, é interessante se emancipar da religião, conjuntamente, os judeus só tem a ganhar quando conquistam sua emancipação política, mas o verdadeiro problema está justamente na limitação desta emancipação. Para Benjamin e Kraus, importava, sobretudo, a emancipação humana, uma perspectiva que sugere a abolição do Estado e da luta de classes, uma via que perpassa, obrigatoriamente, pela Revolução. Neste sentido, o “humanismo real” necessita de um “homem em devir” desde uma perspectiva materialista, concreta, pois ela desvia do homem romântico num sentido idealista e do homem enquanto cidadão exemplar e obediente,

---

<sup>59</sup> Num sentido ideal metafísico, com uma ideia de messianismo político.

<sup>60</sup> Ibid. p.26

pertencente ao Estado liberal, de modo que “(...) não existe uma libertação do mito que seja idealista, mas que ela tem que ser materialista, e finalmente a ideia de que o que está nas origens da criatura não é a pureza, mas a purificação”.<sup>61</sup>

A emancipação humana para Benjamin só aconteceria com uma revolução e abandono do Estado, principalmente com as concepções capitalistas enraizadas. O homem que virá a ser com a emancipação, nascerá a partir de uma percepção autêntica das experiências, com a articulação da linguagem, do passado, da teologia, da dialética e do materialismo histórico. “*A emancipação humana só poderia se construir a partir desta constelação, o que implica numa crítica radical da técnica sob o julgo do Capital, do progresso caracterizado pela infinitude vazia do tempo.*”<sup>62</sup>

Benjamin foi um filósofo que buscou desenvolver um pensamento capaz de fundamentar uma possibilidade de revolução e emancipação humana em sua trajetória intelectual. Se preocupou em voltar o seu olhar emancipatório para “os vencidos” da história, e tentar, de algum modo, elevá-los à consciência de não se conformar com a realidade dada e que o progresso viria de qualquer maneira com o avanço científico. Se preocupou com a possibilidade de um devir para aqueles que perderam durante a história da humanidade, para que eles possam transformar a realidade em que vivem, usando também os elementos memoráveis que estão guardados no passado. Gonçalves expõe de maneira bem resumida e assertiva a perspectiva benjaminiana nesse sentido no seguinte trecho:

A realização da Redenção dos vencidos só ocorrerá, no viés de Benjamin, quando houver esse momento explosivo da Revolução como interrupção do progresso. O processo de restauração (Tikun), da restitutio ominium ou da apokatástase não implica, todavia, na restauração do passado tal qual ele foi. É preciso compreender que na perspectiva de Benjamin, o passado se apresenta como condição fundamental para a emancipação dos excluídos, isto quer dizer que ele pode oferecer, a partir de sua relação com o presente, os elementos cruciais para possibilitar a criação do novo,

---

<sup>61</sup> Ibid, p. 91, apud, BENJAMIN, 2016, p.247

<sup>62</sup> Ibid. p.92

isto é, de um presente marcado pela humanidade livre da divisão de classes, de toda a exploração e violência, enfim, uma humanidade redimida.<sup>63</sup>

O capitalismo carrega consigo o poder de silenciar as vozes dos indivíduos, de fortalecer o modelo de dominados e dominadores, até implementa falsas esperanças de um futuro melhor. Dessa forma, a ação e organização política e revolucionária é de extrema importância para uma sociedade emancipada, uma sociedade aberta para a modificação do presente e de uma articulação possibilitando um futuro mais promissor no sentido humanista real.

#### **4.2. Herbert Marcuse e a Emancipação**

Herbert Marcuse foi um importante filósofo ocupado com a fundamentação de teses que possibilitassem uma revolução, fazendo uma análise crítica da sociedade. Sua filosofia tem como base as perspectivas freudianas e marxistas. Aqui teremos acesso ao seu pensamento por intermédio da professora e comentadora Isabel Maria Loureiro, mais especificamente no artigo “*Herbert Marcuse – Anticapitalismo e Emancipação*”. Neste artigo a comentadora busca apresentar a relação intrínseca entre teoria e prática presentes no pensamento de Marcuse, em que ele pretende pensar uma filosofia política preocupada com a transformação social e radical numa sociedade capitalista.

Com o artigo da Loureiro é possível identificar elementos importantes da filosofia de Marcuse que contribuíram para uma possibilidade emancipatória, tecendo uma crítica à sociedade capitalista, voltada para o consumismo e pensando numa sociedade socialista. Marcuse buscava trazer para a prática as teorias e possibilidades que ele pesquisava, ele se considerava um filósofo que pretendia com a sua experiência transformar a realidade.

O modo de filosofar do Marcuse não foi muito bem recepcionado no Brasil, desde escolas católicas que viam nele uma possibilidade de liberação sexual e das drogas, até a esquerda comunista, que o taxaram como irracionalista, com base na crítica dele à cultura ocidental. Mesmo na academia ele não foi bem recebido, pois na época se valorizava uma

---

<sup>63</sup> Ibid. p.126

leitura estrutural dos textos filosóficos, e tratavam de Marcuse como um filósofo com falta de rigor, deixando suas contribuições de lado.

Loureiro associa a incompreensão da filosofia de Marcuse como uma falta de divulgação do seu pensamento no Brasil, enquanto obras dele tornavam-se famosas em outras partes do mundo, não tinham sido publicadas no Brasil. Na coleção *Os Pensadores*, por exemplo, no volume que reúne os filósofos da Escola de Frankfurt (Adorno, Horkheimer, Benjamin e Habermas), não se encontram ensaios de Marcuse, que também participava desse meio, sendo um pensador da Escola de Frankfurt.

A filosofia de Marcuse não só é bastante influenciada pelo próprio Karl Marx<sup>64</sup>, mas também na leitura que Lukács fazia de Marx. Marcuse busca elementos da filosofia freudiana para compreender melhor o funcionamento da subjetividade humana, pois, para ele, não é possível pensar numa emancipação, numa luta política, sem essa compreensão de subjetividade, sem a compreensão e transformação da consciência e do inconsciente.

Marcuse recorre tanto ao jovem Marx, quanto à psicanálise freudiana para elaborar sua teoria. *“Em resumo, Marcuse procura renovar o marxismo, e alarga o campo de suas preocupações ao teorizar sobre a dimensão subjetiva da vida humana vinculada à mudança social.”*<sup>65</sup>

A filosofia de Marcuse está interessada em unir teoria e prática, com o objetivo político de transformar a sociedade capitalista, olhando para a construção de uma singularidade, num olhar para o sujeito histórico, não basta apenas uma análise econômica e política. É preciso compreender a história social aliada com os quesitos psíquicos para entender como a dominação humana funciona e é internalizada.

É preciso ir além, entender por que, junto com o Termidor histórico-social, vem o “Termidor psíquico”: os rebeldes, ao derrubarem o velho poder, se identificam

---

<sup>64</sup> Loureiro afirma que para Marcuse os *Manuscritos Econômico-Filosóficos do jovem Marx* contribuíram com sua formação, pois foram base para que ele pudesse pensar numa emancipação humana, num sentido que vai além das bases materiais, uma emancipação dos sentidos, uma emancipação que é resultado da transformação do consciente e do inconsciente.

<sup>65</sup> LOUREIRO, Isabel. Herbert Marcuse – Anticapitalismo e Emancipação. São Paulo: Trans/Form/Ação, 2005.p. 10

com ele e por isso tornam a instituir um novo poder tão ou mais opressivo que o anterior. Ou seja, a dominação é interiorizada, o que explica as sucessivas derrotas em termos psicológicos.<sup>66</sup>

Quanto a essa questão, Marcuse questiona até se existe nos indivíduos alguma dinâmica que os faça negar a libertação e a satisfação, e essa autor repressão os mantém dominados a outros indivíduos e instituições. Por isso, é importante a compreensão dos aspectos que colaboram com a derrota das revoluções e o motivo dos indivíduos aceitarem a dominação.

Marcuse numa conferência em 1977, disse que os indivíduos internalizam os valores e objetos que estão presentes na sociedade, no trabalho, nas instituições, nas relações de poder. Por outro lado, as instituições também refletem as necessidades sociais dos indivíduos e tomam como suas necessidades, tornando uma estrutura de reprodução.

Loureiro demonstra ao longo do artigo conceitos usados por Marcuse que remetem à filosofia marxista e freudiana, esclarecendo como os novos conceitos usados por Marcuse são fundamentados, como o conceito de “*mais-repressão*” e “*princípio de realidade*”. “*Embora em nenhum momento do livro o nome de Marx seja mencionado, há uma evidente analogia entre o conceito de mais-repressão e o de mais-valia, assim como o conceito de princípio de desempenho está ligado à crítica marxista do capitalismo e do trabalho alienado.*”<sup>67</sup>

Uma questão importante para análise é observar que mesmo o trabalho sendo modificado ao longo do tempo, do trabalho manual à utilização de máquinas, o processo de emancipação e libertação dos indivíduos não ocorre. Mesmo que o trabalho não seja tão penoso, a repressão continua acontecendo de forma a reprimir a consciência dos sujeitos.

Em sua obra “*Eros e Civilização*”, Marcuse aborda bastante o processo de trabalho, sobre como os indivíduos lidam com o tempo livre. Por meio do processo de automatização do trabalho era para o indivíduo ter uma relação de trabalho não alienada, uma relação de trabalho mais lúdico. Loureiro explica essa tese no seguinte trecho:

---

<sup>66</sup> Ibid, p.11

<sup>67</sup> Ibid, p.12

[...]a abolição do trabalho alienado permitiria investir a libido no trabalho – que se tornaria assim trabalho lúdico – e nas relações sociais, o que transformaria a vida num jogo estético/erótico em que os sentidos humanos não seriam moldados pela forma mercadoria. Numa sociedade sem repressão das pulsões a gratificação erótica seria inerente a toda a vida social e ocorreria a reconciliação entre os seres humanos e a natureza, a qual deixaria de ser mera matéria que o homem pode explorar a seu bel prazer (donde o interesse de Marcuse pela ecologia).<sup>68</sup>

No Prefácio Político, obra de 1966, de Marcuse é possível compreender que esta tese não pode ser sustentada na sociedade em que ele vivia, na qual ele pesquisou e fez sua análise de conjuntura. Na época, pessimista da sua filosofia, Marcuse afirmava que a sociedade não podia chegar em tal mundo reconciliado.

Ao longo da sua pesquisa, Marcuse vai chegando em considerações filosóficas pessimistas, com conceitos que compõem o capitalismo avançado, para ele, esse modelo de sociedade estaria fadado a uma “*democracia totalitária*”. Ainda que grupos se organizem para contrapor esse modelo, estariam integrados ao modelo capitalista, com uma organização frágil e sem garantia de sucesso. O que para Marcuse se faz necessário é uma mudança no rumo do progresso antes almejado, com novas perspectivas, um novo norte. O jeito que um dia se pensou progresso, não cabe mais, é preciso se buscar uma nova maneira para atingir uma sociedade emancipada.

Para Marcuse, o movimento estudantil da sua época, que pensava uma revolução socialista, foi um dos primeiros que se voltou a pensar sobre o tema, visando uma sociedade qualitativamente distinta, que não tivesse como objetivo o fetichismo das forças produtivas. Marcuse não concordava com a noção quantitativa de progresso presente nas sociedades capitalistas, fazia-se necessário pensar a que custo vem esse progresso e a quem ele interessa.

Nas sociedades capitalistas, a racionalidade tecnológica está acompanhada de uma dominação política que visa os interesses do capital. Marcuse foi um filósofo muito preocupado com o ecossistema, um dos precursores nesse quesito, também por esse motivo denuncia a destruição desmedida da natureza para suprir as necessidades do capital.

---

<sup>68</sup> Ibid, p.13

Marcuse, porém, não nega o desenvolvimento por completo, ele tenta pensar numa forma mais pacífica de lidar com a natureza, pensando numa nova técnica, num novo modo de fazer ciência; descartando a produção de materiais supérfluos aos seres humanos, deixando de cultivar “*falsas necessidades*”, o que seria benéfico até mesmo para as questões somáticas e mentais dos seres. Os seres humanos na sociedade socialista teriam uma relação mais fraterna e de colaboração com a natureza.

A sociedade consumista e apegada às falsas necessidades são cada vez mais distanciadas da emancipação humana. O consumo e produtos estão sempre se renovando e deixando nos seres a falsa necessidade de que precisam de um carro mais novo, uma televisão maior, uma casa mais equipada e outras séries de necessidades supérfluas que vão surgindo a junto com a evolução da tecnologia e à medida que o capitalismo vai avançando.

Sendo na sociedade socialista o cultivo das “*necessidades verdadeiras*”, que para Marcuse significa realmente viver bem, não simplesmente atender as necessidades materiais, tendo uma relação mais saudável com o corpo, tirando-o da rotina o trabalho desenfreado, alienado. Cria-se na existência humana um espaço para o tempo livre e um trabalho mais criativo.

Mesmo com o acúmulo de bens e capital, a produção de materiais supérfluos continua existindo e as desigualdades sociais também. Marcuse acredita que se eliminar a carência material é possível diminuir a carga horária de trabalho e o trabalho de produção, essa carência não foi eliminada nem nas camadas mais privilegiadas da população.

Loureiro, na época que escreveu seu artigo atesta que para além das questões antes pontuadas por Marcuse, existia agora uma nova questão, o desemprego. Marcuse achava que essa questão do desemprego seria positiva, traria liberdade para os sujeitos, a liberdade do domínio da mercadoria. Porém o desemprego é ainda mais uma questão preocupante para a sociedade desigual e capitalista.

[...]vivemos uma situação paradoxal: o progresso técnico, em vez de libertar os seres humanos, só intensificou a submissão ao trabalho daqueles que ainda têm uma ocupação remunerada. A fim de manter a competitividade e os lucros, as empresas capitalistas intensificaram os ritmos de produção em todos os níveis, diminuíram o

número de trabalhadores, etc. o que leva à superexploração dos que têm a sorte de manterem o emprego.

Enfim, o que Loureiro atesta é que Marcuse foi um precursor na análise da conjuntura da sociedade, pensou sua Teoria Crítica como uma forma de mudar a sociedade radicalmente, ele atestou os problemas que o capitalismo trouxe para a sua época e que ainda traria para o futuro, principalmente com a destruição da natureza. As pessoas ainda sofrem com a desigualdade, a produção não parou de subir, o capitalismo tem feito cada vez mais reféns do seu modelo contraditório, onde existe muito material, muita riqueza, mas concentrado nas mãos de uma parcela pequena da população.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O tema escolhido para esta monografia tem a intenção de aprofundar as reflexões sobre Emancipação Humana, abrindo o debate com um aparato variado de pensadores e perspectivas diferentes. Compreendo que o debate continua aberto e ainda é difícil vislumbrar uma sociedade mais equitativa e justa. Nesse contexto, os autores escolhidos para este trabalho analisaram e questionaram as relações humanas, principalmente aquela entre dominadores e dominados. Com isso, percebemos que esta relação ainda está bem forte e vai se renovando nas novas formas de trabalho e exploração.

Conforme o capitalismo foi avançando e o consumismo ganhando força nas relações humanas, podemos perceber que a emancipação humana foi adiando cada vez mais a sua possibilidade, perdendo seu rumo. Isso porque, no sistema capitalista, as formas injustas e exploratórias de trabalho são aperfeiçoadas e a relação entre os seres humanos e a natureza torna-se mais problemática. Em razão disso, os recursos da natureza estão ficando escassos com a larga exploração das matérias primas para suprir as falsas necessidades que o capitalismo impõe.

Com efeito, a proposta deste trabalho de pesquisa foi organizar um pensamento que ajude a analisar o conceito de emancipação, buscando filósofos e figuras que apresentaram questões importantes para esse ponto. O objetivo não é trazer respostas prontas, afinal a filosofia é a ferramenta que auxilia no pensamento de possíveis caminhos. À vista disso, é um trabalho complexo pensar em emancipação, principalmente envolvendo questões muito enraizadas na sociedade.

O trabalho de busca a conceitualização dos termos e auxilia no processo de elucidação de uma proposta, cujo objetivo é a melhoria do cenário de injustiças sociais. Acredito que com a disseminação de conhecimento de maneira crítica, a reelaboração crítica aos erros e mazelas do passado, revisão de absurdos que ocorreram na história, é possível pensar num presente menos absurdo e cheio de falhas sociais.

Importa salientar que o papel das instituições de ensino também é um ponto de interesse no processo emancipatório, pois as instituições possuem um lócus privilegiado para o desenvolvimento de potencialidades e criticidades. Sobretudo porque as pessoas que têm acesso

à escola quando crianças e à possibilidade de permanecer no meio escolar, passam uma parte considerável da vida numa instituição de ensino. Essas instituições contribuem formando e estruturando a maneira como se enxerga a sociedade e as questões presentes nela.

A mediação intencional dos docentes e o convívio social, o diálogo, o debate sobre os temas emergentes na comunidade, oportunizam o desenvolvimento de organização social, de troca de experiências sobre o cotidiano. Assim, é preciso debater sobre o que acontece na sociedade, sobre o que funciona e sobre o que incomoda, é importante dar nome e caracterizar os empecilhos de uma sociedade emancipada.

Quanto menos uma sociedade é conscientizada, crítica, mais difícil fica a implementação de conceitos e problemáticas importantes. Indivíduos que não possuem determinado nível de senso crítico, muitas vezes nem percebem a opressão em que vivem dentro da sociedade, não percebem a desumanização com as suas vidas, seus corpos e nem sonham com a possibilidade de outra realidade que não seja a sua.

Adorno, quando trata de emancipação e educação<sup>69</sup>, aponta que ela precisa ser evidente numa democracia para que se possa evitar uma regressão a barbárie. Defende a necessidade de uma educação que permita as identificações múltiplas dos alunos, com diversidade de experiências. O educador tem o papel de formação de consciência para que os indivíduos gozem de uma educação emancipatória.

Os indivíduos, para Adorno não devem ser influenciados por conteúdos irracionais ou conteúdos conformistas, frutos da “seminformação” que é dada pela mídia, pela indústria cultural. Na verdade, a educação precisa se manter resistente e observar o presente de maneira crítica e histórica para que se possa compreender o passado com a possibilidade de romper seus paradigmas e mudar condições sociais e subjetivas.

Adorno reforça a retomada do passado para que as mazelas, as injustiças sociais que aconteceram, não se repitam. No caso do passado dele, muito ligado ao holocausto, enfatiza que as perseguições étnico-raciais não ocorram nunca mais, por isso, a importância de se retomar o passado, para que o entenda e supere a violência que ele significou.

No Brasil, as questões sobre desigualdades sociais são pulsantes, principalmente por ser um sistema capitalista, no qual vale mais o lucro do que o combate as injustiças sociais e a

---

<sup>69</sup> Ver o livro “*Educação e Emancipação*” de Adorno.

disparidade entre as classes. Paulo Freire distinguia a sociedade entre “classe opressora” e “classe oprimida”, entre “dominantes” e “dominados”, é o que fomenta a discussão e desigualdade entre o que oferece os meios de produção e os que oferecem a sua força de trabalho.

Freire organiza seu pensamento em propor uma educação que seja libertadora e emancipatória para que se forme indivíduos que vão se contrapor a dominação. Ele critica o modelo que ele denomina como educação bancária, uma educação que reverbera o sistema de depositar um conhecimento, uma educação fundada em paradigmas colonizadores. Ao contrário disso, ele sugere, uma educação libertadora, com diálogo e reflexão da sociedade opressora.

Uma grande pensadora que foi muito influenciada pelas considerações de Paulo Freire foi bell hooks. Ela traz a ideia de uma educação voltada à diversidade, de costumes, de classe social, gênero, de opiniões, ideias, formação e escuta dos estudantes negros em especial. Acredita que a educação e a prática de ensino precisam ser uma conexão entre teoria e prática, sendo duas coisas inseparáveis.

É significativa a análise da formação dos indivíduos nas instituições de ensino, no cenário do contexto escolar e como ele contribui para a sociedade como um todo. É certo que a escola exerce um papel fundamental na estruturação do pensamento da sociedade, as pessoas que compõem o corpo escolar são produtos do coletivo e podem também contribuir na transformação do coletivo, é uma relação de troca.

As questões presentes na vida social, as mazelas, os preconceitos ocupam uma indagação considerável quando se analisa o cenário escolar. Apesar de comporem um coletivo, cada aluno carrega a sua singularidade, as suas questões, seu gênero, suas características físicas, seus gostos, seus problemas, suas angústias e suas perspectivas de vida. Todos esses pontos são necessários quando se pensa em métodos importantes no auxílio da compreensão do coletivo.

Não se pode negar o atraso do Brasil com relação aos preconceitos enraizados na sociedade, ainda existe um grande caminho a se enfrentar para a superação desses encalces. Desse modo, a escola, os professores são fundamentais para a estruturação do trabalho de base, a educação precisa ser tratada com o devido mérito. A negligência do pensamento só beneficia o aumento de intolerância e dificuldades sociais na aceitação do outro.

Preconceitos se mostram presos no cotidiano da população, o “diferente”, o “pecado”, o “natural”, o “biológico”, são algumas das justificativas que se usam para apoiar os preconceitos. Nada que seja bem fundamentado ou que faça sentido. Questões que foram se consolidando, crenças que foram passadas de geração para geração e que ainda continuam ganhando força e tomando outros rumos e questões atuais.

Nesse contexto, é notório que determinados grupos estão mais propensos e expostos às injustiças sociais, as mulheres, pessoas negras, as pessoas cujo gênero e orientação sexual estão fora da heteronormatividade, pessoas pobres, pessoas com deficiência, enfim, a lista é grande. Assim, de fato, essas pessoas precisam ter acesso ao conhecimento e o amparo de uma sociedade preparada para lidar com a diferença humana.

Depois de séculos sendo privada de conhecimento, a população negra precisa cada vez mais ocupar as instituições de ensino e principalmente as mulheres negras precisam traçar objetivos que não sejam qualquer serviço marginalizado na sociedade, precisam ter a oportunidade de sonhar como que quiserem, *“a definição tautológica de pessoas negras como serviçais é, de fato, um dos artifícios essenciais da ideologia racista.”*<sup>70</sup>

A filosofia com toda sua riqueza de conceitos e indagações sobre a realidade e complexidade humana pode ajudar a vida escolar; ajudar na compreensão da diversidade do corpo escolar, e das diversas questões e demandas que chegam junto com os alunos. Questões essas que por vezes são reprimidas pelos alunos por não terem espaço para debater, expor e entender do que se trata. O espaço das aulas de filosofia e o exercício do pensamento podem auxiliar na formação individual e coletiva do meio escolar.

No processo de escrita e pesquisa deste trabalho fiz o esforço de analisar o conceito de emancipação e como à luz desse termo pode se chegar a uma sociedade mais justa. É um trabalho muito difícil, que entra em muitas camadas, muito ainda se precisa avançar, todos os dias esbarramos em notícias que nos fazem duvidar da possibilidade de uma emancipação. Ainda convivemos com muito preconceito, discurso de ódio, intolerância, mas tenho esperanças numa possibilidade de futuro mais esclarecido e justo. Acredito que com a horizontalidade do

---

<sup>70</sup> DAVIS, Angela. Educação e libertação: a perspectiva das mulheres negras. In: Mulheres, raça e classe. São Paulo: Boitempo, 2016. p. 102

conhecimento e com o suporte necessário para que se fortaleça uma sociedade crítica, as questões de injustiça vão perdendo um pouco a força.

Não há causa sem efeito, se uma educação de qualidade e estímulo para formação forem eficazes, podemos desfrutar de uma sociedade mais equitativa. Ora, sem pretensão nenhuma nascemos introduzidos em uma cultura e aprendemos as técnicas de convívio de determinada sociedade. Logo, se somos seres capazes de reproduzir comportamentos, então, podemos reproduzir pensamentos humanitários e justos.

Enfim, este trabalho percorreu pensamentos de alguns autores que se ocuparam de pensar na possibilidade abrangente de uma emancipação, mas, frisa-se, as reflexões aqui obtidas foram preliminares, não levam a uma conclusão fixa, não tem resposta exata, é uma construção de um pensamento, de uma possibilidade.

## 6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICA

ADORNO, Theodor. **Educação e Emancipação**. Tradução: Wolfgang Leo Maar. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.

ARANTES, Paulo Eduardo (consultoria) "**Adorno - Vida e Obra**" *In: Os Pensadores. Editora Nova Cultural Ltda, 2000.*

BENJAMIN, Walter. Obras escolhidas. Vol. 1. **Magia e técnica, arte e política**. Ensaio sobre literatura e história da cultura. Prefácio de Jeanne Marie Gagnebin. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BUTLER, Judith. **Quem canta o Estado-nação?: língua, política, pertencimento**. / Judith Butler, Gayatri Chakravorty Spivak ; Vanderlei J. Zacchi, Sandra Goulart Almeida. – Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2018.

CHAUÍ, Marilena (consultoria) "**Kant - Vida e Obra**" *In: Os Pensadores. Editora Nova Cultural Ltda, 1999.*

DAVIS, Angela. **Educação e libertação: a perspectiva das mulheres negras**. In: Mulheres, raça e classe. São Paulo: Boitempo, 2016.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 19ª ed., 1991.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **História e narração em Walter Benjamin**. São Paulo: Editora Perspectiva S.A., 2004.

\_\_\_\_\_. **Lembrar escrever esquecer** – 2ª Edição São Paulo: Editora 34, 2009.

GIANNOTTI, José Arthur (consultoria). "**Marx - Vida e Obra**" *In: Os Pensadores. Editora Nova Cultural Ltda, 1996.*

GONÇALVES, Jhonatan. **A Emancipação Humana no pensamento filosófico de Walter Benjamin: Romantismo, Messianismo e Marxismo**. Dissertação (Mestrado Acadêmico Campus de Toledo) Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Centro de Ciências Humanas e Sociais, Programa de Pós-Graduação em Filosofia, 2021

hooks, bell. **Abraçar a mudança: o ensino num mundo multicultural**. In: Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade. São Paulo: Martins Fontes.

HORKHEIMER, Max; ADORNO, Theodor W. **Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos**. Tradução, Guido Antonio de Almeida. — Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985.

KANT, Immanuel. **Ideia de uma história universal do ponto de vista cosmopolita**. Trad. Rodrigo Naves e Ricardo Terra. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

\_\_\_\_\_. **“Resposta à pergunta: o que é esclarecimento?”** In: Textos seletos. Trad. Floriano de Sousa Fernandes. Petrópolis: Vozes, 1995

LOUREIRO, Isabel. **Herbert Marcuse – Anticapitalismo e Emancipação**. São Paulo: Trans/Form/Ação, 2005.

MOREIRA, Sérgio Augusto. **“O entrelaçamento dialético entre Mito e Aufklärung no primeiro capítulo da Dialética do Esclarecimento de Adorno e Horkheimer”** Tese (Mestrado em Filosofia); PUC-SP, São Paulo. 2012.